



# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano XLVIII, número 24 (2.469)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 15 de junho de 2017

O Pontífice voltou a denunciar a injustiça social fruto da avarícia e da exploração

## Não se resignar ao escândalo da pobreza

«Não podemos ficar inertes nem tão-pouco resignados» perante o «escândalo» do «alastramento da pobreza nos grandes setores da sociedade do mundo inteiro», escreveu o Papa Francisco na mensagem para o primeiro dia mundial dos pobres, que se celebra no dia 19 de novembro próximo, trigésimo terceiro domingo do tempo ordinário.

Instituído no ano passado na conclusão do jubileu da misericórdia, o dia constitui para toda a comunidade cristã uma ocasião para testar a capacidade «de estender a mão aos pobres, aos débeis, aos homens e às mulheres aos quais muitas vezes é espezinhada a dignidade», como explicou o arcebispo Rino Fisichella, presidente do Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização, apresentando o texto da mensagem na manhã de terça-feira, 13 de junho, na Sala de imprensa da Santa Sé. Nesta perspetiva o dicastério preparará um subsídio pastoral que estará disponível a partir do mês de setembro, para permitir «que sacerdotes e o mundo do voluntariado vivam ainda mais intensamente» o sentido desta jornada.

O momento central de 19 de novembro será a missa perdida pelo



Daniela Matchael, «Favela»

Pontífice com os pobres e os voluntários. Em particular, para estes últimos está prevista também uma vigília de oração no sábado 18, em São Lourenço fora dos Muros: uma ocasião para fazer memória do «grande santo romano» que elevou «a figura do pobre a verdadeiro e

único «tesouro» da Igreja». Esta atenção privilegiada representou uma constante na história eclesial, como sublinhou na sua intervenção o bispo José Octavio Ruiz Arenas, secretário do dicastério, recordando que para o Papa Francisco «a opção pelos pobres é uma categoria

teológica antes de ser cultural, sociológica, política ou filosófica», e constitui «uma forma especial de primazia no exercício da caridade cristã, da qual toda a tradição da Igreja dá testemunho».

PÁGINAS 8 E 9

### Uma relação especial

GIOVANNI MARIA VIAN

É deveras uma relação especial e única a que liga Itália e Santa Sé. Por razões históricas, naturalmente, mas também espirituais. Razões que foram confirmadas e fortalecidas com a visita oficial do Pontífice ao chefe de Estado italiano ao Quirinal, antiga residência papal que se tornou símbolo da unidade do país. Razões radicadas profundamente, e que encontraram um eco que ressoou na cordialidade evidente deste encontro, último de uma longa série durante quase noventa anos, e na simpatia pessoal que liga Sérgio Mattarella e Francisco, como o presidente quis frisar recentemente durante a sua viagem à Argentina.

Uma pátria distante, «quase no fim do mundo» dissera logo depois da eleição o primeiro Papa americano, que ao mesmo tempo na Itália se sente em casa. De facto reafirmou que estão aqui as suas raízes, mencionando-as com sobriedade e comoção: «Memória grata das

gerações que nos precederam e que, com a ajuda de Deus, levaram por diante os valores fundamentais: a dignidade da pessoa, a família e o trabalho». E estes três valores estão «também no centro da Constituição republicana, que ofereceu e oferece um quadro de referência estável para a vida democrática do povo» recordou Francisco.

Por conseguinte, em continuidade com esta tradição humana e política é possível orientar-se também no tempo atual, face a cenários preocupantes como o aumento do terrorismo fundamentalista, a dimensão mundial do fenómeno mi-

CONTINUA NA PÁGINA 3

Visita do Papa ao Quirinal

Laicidade amistosa e colaborativa

PÁGINA 3

### Valorizar o papel da mulher no diálogo e na educação Mais espaço à presença feminina



Fernand Léger, «Três mulheres com flores»

É necessário «ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva», recomendou o Papa recebendo em audiência na manhã de 9 de junho, na Sala do Consistório, os participantes na plenária do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso, reunidos desde quarta-feira 7 para refletir sobre o «papel da mulher na educação para a fraternidade universal». Um tema que, segundo Francisco, permanece de importância primária para o caminho da humanidade rumo à fraternidade e à paz».

PÁGINA 2

Obras-primas dos Museus do Vaticano

Maria na capital portuguesa

SILVIA GUIDI NA PÁGINA 10

No pontificado de Francisco

O vento de Aparecida

DIEGO FARES NA PÁGINA 12

O Pontífice pediu que se valorize o papel da mulher no diálogo e na educação

## Mais espaço à presença feminina

É necessário «ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva», recomendou o Papa Francisco recebendo em audiência na manhã de 9 de junho, na sala do Consistório, os participantes na assembleia plenária do Pontifício conselho para o diálogo inter-religioso, reunidos desde o dia 7 para meditar sobre o «papel da mulher na educação à fraternidade universal». Publicamos em seguida o discurso proferido pelo Santo Padre nessa ocasião.

Senhores Cardeais  
amados irmãos Bispos  
irmãos e irmãs!

Recebo-vos com alegria e agradeço ao Cardeal Jean-Louis Tauran a saudação que me dirigiu também em vosso nome. O nosso encontro tem lugar na conclusão da vossa Assembleia Plenária, durante a qual discorrestes sobre o «Papel da mulher na educação para a fraternidade universal». Certamente, não faltou um

cada e muitas vezes não é reconhecida, por causa dos numerosos males que afligem este mundo e que, de maneira particular, ferem as mulheres na sua dignidade e no seu papel. Com efeito as mulheres, e até as crianças, contam-se entre as vítimas mais frequentes de uma violência cega. Quando o ódio e a violência prevalecem, dilaceram as famílias e as sociedades, impedindo que a mulher desempenhe, em comunhão de intenções e de ação com o homem, a



confronto muito enriquecedor sobre esta temática, que é de importância fundamental para o caminho da humanidade rumo à fraternidade e à paz, um caminho que não é de forma alguma óbvio e linear, mas caracterizado por dificuldades e obstáculos.

Infelizmente, hoje vemos que a figura da mulher como educadora para a fraternidade universal está ofus-

ca e muitas vezes não é reconhecida, por causa dos numerosos males que afligem este mundo e que, de maneira particular, ferem as mulheres na sua dignidade e no seu papel. Com efeito as mulheres, e até as crianças, contam-se entre as vítimas mais frequentes de uma violência cega. Quando o ódio e a violência prevalecem, dilaceram as famílias e as sociedades, impedindo que a mulher desempenhe, em comunhão de intenções e de ação com o homem, a

sua missão de educadora de maneira serena e eficaz. Ponderando sobre o tema que vós enfrentastes, gostaria de refletir em particular sobre três aspetos: *valorizar o papel da mulher, educar para a fraternidade e dialogar*.

1. *Valorizar o papel da mulher*. Na sociedade complexa dos dias de hoje, caracterizada pela pluralidade e pela globalização, há necessidade de

um maior reconhecimento da capacidade que a mulher tem de educar para a fraternidade universal. Quando as mulheres têm a oportunidade de transmitir plenamente os seus dons à comunidade inteira, a própria modalidade segundo a qual a sociedade se compreende a si mesma e se organiza resulta positivamente transformada, chegando a refletir melhor a unidade substancial da família humana. Esta constitui a premissa mais válida para a consolidação de uma fraternidade autêntica. Por conseguinte, é benéfico o processo da presença crescente das mulheres na vida social, económica e política, nos planos local, nacional e internacional, mas também a nível eclesial. As mulheres têm o pleno direito de se inserir ativamente em todos os âmbitos e, onde for necessário, este seu direito deve ser confirmado e protegido inclusive através de instrumentos jurídicos.

Trata-se de ampliar os espaços de uma presença feminina mais incisiva. Existem numerosas mulheres que, nas funções desempenhadas na vida diária, com dedicação a consciência, com coragem por vezes heroica, fizeram e fazem frutificar o seu talento, as suas características preciosas nas mais diversificadas, específicas e qualificadas competências, juntamente com a experiência concreta de serem mães e formadoras.

2. *Educar para a fraternidade*. Como educadoras, as mulheres têm uma vocação particular, capaz de fazer nascer e crescer renovadas modalidades de acolhimento e de estima recíproca. A figura feminina esteve sempre no cerne da educação familiar, e não exclusivamente como mãe. A contribuição das mulheres no campo da educação é inestimável. E a educação comporta uma riqueza de implicações, tanto para a própria mulher e para o seu modo de ser, como para os seus relacionamentos e para a maneira de lidar com a vida humana e com a existência em geral.

Em definitivo, todos – homens e mulheres – são chamados a colaborar na educação para a fraternidade universal que aliás, em última análise, consiste na educação para a paz na complementaridade das diferentes sensibilidades e das funções próprias de cada um. Assim as mulheres, ligadas intimamente ao mistério da vida, podem fazer muito para promover o espírito de fraternidade, com o seu cuidado pela preservação da vida e com a sua convicção de que o amor constitui a única força que pode tornar o mundo habitável para todos.



Com efeito, as mulheres são frequentemente as únicas que acompanham os outros, sobretudo os membros mais frágeis da família e da sociedade, as vítimas de conflitos e quantos devem enfrentar os desafios de todos os dias. Graças à sua contribuição, a educação para a fraternidade – devido à sua natureza inclusiva e geradora de vínculos – pode superar a cultura do descartável.

3. *Dialogar*. É evidente que a educação para a fraternidade universal, que significa também aprender a construir laços de amizade e de respeito, é importante no campo do diálogo inter-religioso. As mulheres estão comprometidas, muitas vezes mais do que os homens, no plano do «diálogo da vida» no âmbito inter-religioso, e assim contribuem para uma melhor compreensão dos desafios característicos de uma realidade multicultural. Contudo, as mulheres podem inserir-se a pleno título inclusive nos intercâmbios a nível de experiência religiosa e também a nível teológico. Numerosas mulheres estão bem preparadas para enfrentar encontros de diálogo inter-religioso nos níveis mais elevados e não apenas da parte católica. Isto significa que a contribuição das mulheres não se deve limitar a temas «femininos», nem a encontros só entre mulheres. O diálogo é um caminho que a mulher e o homem devem trilhar juntos. Hoje é mais necessário do que nunca que as mulheres estejam presentes.

Dado que possui características peculiares, a mulher pode oferecer uma contribuição importante para o diálogo, mediante a sua capacidade de escutar, de acolher e de se abrir generosamente ao próximo.

Estou grato a todos vós, Membros, Consultores e Colaboradores do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, porque desempenhais um serviço precioso. Faço votos a fim de que continueis a tecer a delicada tela do diálogo com todos aqueles que buscam Deus e com os homens de boa vontade. Invoco sobre vós a abundância das bênçãos do Senhor e peço-vos, por favor, que oreis por mim.

## Saudação do Papa à peregrinação Macerata-Loreto

Antes de partir, o abraço do Papa Francisco. As vinte mil pessoas reunidas por ocasião da trigésima nona edição da peregrinação noturna de Macerata a Loreto (Itália), receberam com emoção, no final da tarde de sábado 10 de junho, a saudação telefónica do Sumo Pontífice, que ressoou no estádio Helvia Recina imediatamente após a chegada da tocha da paz. «Faço votos – disse o Santo Padre – a fim de que nesta noite de caminho, de peregrinação, cada um de vós ouça a voz de Jesus: «Amas-me?». Depois, pense e responda a Jesus». Mas assim como a estrada tem «duas direções» de marcha – recordou o Papa – também a pergunta dirigida a Pedro compromete cada cristão de uma maneira dupla: então, é necessário também perguntar a Jesus: «Amas-me?» e ouvir «aquilo que Jesus diz no coração».

### L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS  
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano  
ed.portugues@ossrom.va  
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN  
diretor

Giuseppe Fiorentino  
vice-diretor

Redação  
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano  
telefone +39069899420  
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE  
L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.  
diretor-geral

Serviço fotográfico  
telefone +39069884797  
fax +39069884998  
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669883164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, televidens: 0800-160004, fax: 0055123042036; e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

*Publicamos a seguir o texto do discurso que o Papa Francisco pronunciou no salão dos couraceiros do palácio do Quirinal, durante a visita oficial ao presidente da República italiana, Sergio Mattarella, que teve lugar na manhã de 10 de junho.*

Senhor Presidente!

Agradeço-lhe as cordiais expressões de boas-vindas que o senhor me dirigiu em nome de todo o povo italiano. Esta minha visita insere-se no contexto das relações entre a Santa Sé e a Itália, e quer retribuir a visita que o senhor fez ao Vaticano no dia 18 de abril de 2015, pouco tempo após a sua eleição para o mais alto cargo do Estado.

Olho para a Itália com *esperança*. Uma esperança que está *radicada na memória grata* aos pais e avós, que são também meus, porque as minhas raízes estão neste país. Memória grata às gerações que nos precederam e que, com a ajuda de Deus, levaram em frente os valores fundamentais: a dignidade da pessoa, a família, o trabalho... E estes valores foram por eles inseridos inclusive no cerne da Constituição republicana, que ofereceu e oferece um estável quadro de referência para a vida democrática do povo. Portanto, uma esperança assente na memória, uma memória grata.

Todavia, vivemos um tempo em que a Itália e o conjunto da Europa são chamados a confrontar-se com problemas e riscos de vários tipos, como o terrorismo internacional, que encontra alimento no fundamentalismo; o fenómeno migratório, exacerbado pelas guerras e pelos graves e persistentes desequilíbrios sociais e económicos de muitas regiões do mundo; e a dificuldade que as jovens gerações têm de aceder a um trabalho estável e digno, o que contribui para aumentar a desconfiança no futuro e não favorece o nascimento de novas famílias e de filhos.

No entanto, alegra-me relevar que a Itália, mediante a industriosa laboriosidade dos seus cidadãos e o compromisso das suas instituições, e apelando-se aos seus abundantes recursos espirituais, se esforça por *transformar estes desafios em ocasiões de crescimento e novas oportunidades*.

São prova disto, entre outros, o acolhimento aos numerosos refugiados que desembarcam no seu litoral,



Visita do Santo Padre ao Quirinal

## Laicidade amistosa e colaborativa

a obra de primeiros socorros garantida pelos seus navios no Mediterrâneo e o esforço de multidões de voluntários, entre os quais se distinguem associações e entidades eclesiais, bem como a densa rede de paróquias. Disto é prova inclusive o compromisso oneroso da Itália no âmbito internacional a favor da paz, da manutenção da segurança e da cooperação entre os Estados.

Gostaria de recordar também a fortaleza animada pela fé com a qual as populações do Centro da Itália, atingidas pelo tremor de terra, viveram aquela experiência dramática, com muitos exemplos de colaboração profícua entre as comunidades eclesial e civil.

O modo como o Estado e o povo italiano enfrentam a crise migratória, juntamente com o esforço envidado para assistir devidamente as populações atingidas pelo sismo, são expressão de sentimentos e de atitudes que encontram a sua fonte genuína na fé cristã, que plasmou o caráter dos italianos e que nos momentos dramáticos resplandece com maior intensidade.

No que se refere ao vasto e complexo fenómeno migratório, é claro que poucas Nações não podem assumir inteiramente esta responsabilidade, garantindo uma integração ordenada dos recém-chegados no próprio tecido social. Por este motivo, é indispensável e urgente que se desen-

volva uma ampla e incisiva cooperação internacional.

Entre as questões que hoje mais interpelam quantos têm a peito o bem comum, e de modo especial os poderes públicos, os empresários e os sindicatos dos trabalhadores, está a do *trabalho*. Tive ocasião de abordar não teoricamente, mas em contacto direto com as pessoas, trabalhadores e desempregados, nas minhas visitas na Itália, e também na recentíssima viagem a Génova. Reitero o apelo a gerar e acompanhar processos que deem lugar a novas oportunidades de trabalho digno. O mal-estar juvenil, as bolsas de

pobreza, a dificuldade que os jovens têm de formar uma família e de fazer filhos encontram um denominador comum na insuficiência da oferta de trabalho, às vezes tão precário ou tão mal pago que não permite uma projeção séria.

É necessária uma aliança de sinergias e de iniciativas para que os recursos financeiros sejam postos ao serviço deste objetivo de grande alcance e valor social, e não sejam, ao contrário, desviados e dispersos em investimentos predominantemente especulativos, que denotam a falta de um desígnio a longo prazo, a insuficiente consideração pelo verdadeiro papel dos empresários e, em última análise, debilidade e instinto de fuga diante dos desafios do nosso tempo.

O *trabalho* estável, juntamente com uma política concretamente empenhada a favor da *família*, primeiro e principal lugar onde se forma a pessoa-em-relação, são as condições do autêntico desenvolvimento sustentável e de um crescimento harmonioso da sociedade. São dois pilares que dão sustento à casa comum e que a fortalecem para enfrentar o futuro com espírito não resignado e receoso, mas criativo e confiante. As novas gerações têm o direito de poder caminhar rumo a metas importantes e ao alcance do seu destino, de modo que, por sua vez, impelidos por nobres ideais, encontrem a força e a coragem de realizar os sacrifícios necessários para alcançar o objetivo, para construir um porvir

CONTINUA NA PÁGINA 4

## Uma relação especial

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

gratório, o aumento do desemprego. Com efeito, é «a dificuldade que as jovens gerações têm de aceder a um trabalho estável e digno, que contribui para aumentar a desconfiança no futuro», e não favorece o nascimento de novas famílias e de filhos» disse o Papa mencionando o grave e preocupante fenómeno do inverno demográfico que se alastra em grande parte dos países europeus.

E se diante das migrações o Pontífice repetiu que «é indispen-

sável e urgente que se desenvolva uma ampla e incisiva cooperação internacional», no seu discurso a análise tornou-se severa e lúcida precisamente sobre o tema angustiante da falta de trabalho, sobretudo para as novas gerações. Aqui é «necessária uma aliança de sinergias e iniciativas para que os recursos financeiros sejam colocados ao serviço deste objetivo de grande alcance e valor social, e não desviados e dispersos em investimentos predominantemente especulativos, que denotam a falta de um desígnio a longo prazo, a insuficiente consideração do verdadeiro papel de quem faz empresa e, ainda, debilidade e instinto de fuga face aos desafios do nosso tempo».

Por conseguinte, não se trata de um discurso só institucional, rigorosamente respeitador dos âmbitos próprios do Estado e da Igreja, o que o Papa Francisco quis dirigir ao presidente e a todo o país ao falar de esperança. E confirmando a relação especial que liga a Itália e a Santa Sé graças ao princípio da laicidade, que definiu «não hostil nem conflitual, mas amistosa e colaborativa» e da qual as palavras de Mattarella e de Bergoglio são um exemplo transparente.

Na saudação às crianças vítimas do terramoto

## Sempre animados

*No final da visita oficial, o Papa Francisco saudou um grupo de alunos de escolas primárias e secundárias das áreas atingidas pelo tremor de terra ocorrido na Itália central.*

Estimados jovens, muito obrigado por estardes aqui. Muito obrigado pelo vosso cântico e também pela vossa coragem. Ide em frente com coragem, sempre animados! É uma arte elevar-se sempre. É verdade que na vida existem dificuldades – vós sofrestes muito com este tremor de terra – há quedas, mas vem-me ao pensamento aquela linda canção entoada pelos alpinos: “Na arte do triunfo o sucesso não consiste em não cair, mas em não permanecer caído”. Sempre animados, sempre aquela palavra “ergue-te”, e ânimo! Que o Senhor vos abençoe!



À família religiosa da Consolata o Santo Padre indicou os lugares da missão

## Entre as pobreza e os sofrimentos

«Não vos canséis de levar conforto a populações que com frequência são marcadas por grande pobreza e sofrimento intenso, como por exemplo em tantas regiões da África e da América Latina», recomendou o Papa aos missionários e missionárias da Consolata, recebidos no dia 5 de junho, na Sala Clementina, por ocasião dos respetivos capítulos gerais.

Estimados Missionários e queridas Missionárias da Consolata!

Sinto-me feliz por receber juntos os ramos masculino e feminino da Família religiosa fundada pelo Beato José Allamano, por ocasião dos respetivos Capítulos Gerais. Saúdo-vos a todos com afeto, fazendo votos para que os vossos trabalhos capitulares se realizem com serenidade e docilidade ao Espírito. Transmito a minha saudação afetuosa aos vossos irmãos e irmãs de hábito que trabalham, muitas vezes em condições difíceis, nos diversos continentes, encorajando-os a prosseguir com fidelidade generosa no seu compromisso de missão *ad gentes*. Agora desejo oferecer-vos algumas sugestões a fim de que esses dias produzam frutos abundantes de bem nas vossas comunidades e na atividade missionária da Igreja.

Sois chamados a aprofundar o vosso carisma, para vos projetar com impulso renovado na obra de evangelização, na perspectiva das urgências pastorais e das novas pobreza. Enquanto com alegria dou graças ao Senhor pelo bem que estais a praticar no mundo, gostaria de vos exortar a atuar um *discernimento atento acerca da situação dos povos* no meio dos quais desempenhais a vossa ação evangelizadora. Não vos canséis de levar conforto a populações que são marcadas com frequência por grande pobreza e sofrimentos intensos, como por exemplo em tantas regiões da África e da América Latina. Dei-

xai-vos provocar continuamente pelas realidades concretas com as quais estais em contacto e procurai oferecer dos modos mais adequados o testemunho da caridade que o Espírito infunde nos vossos corações (cf. Rm 5, 5).

A história dos vossos Institutos, feita – como em todas as famílias – de

considerar esta prioridade do amor de Deus gratuito e misericordioso, e sentir o nosso compromisso e esforço como uma resposta. Na medida em que nos persuadirmos do amor do Senhor, crescerá a nossa adesão a Ele. Temos muita necessidade de redescobrir sempre o amor e a misericórdia do Senhor para desenvolver a

permitir-vos-á estar ativamente presentes nos novos arceópagos da evangelização, privilegiando, mesmo se isto inclui alguns sacrifícios, a abertura para situações que, com a sua realidade de particular necessidade, se revelam como emblemáticas para o nosso tempo.

Seguindo o exemplo do vosso beato Fundador, não vos canséis de imprimir novo impulso à animação missionária. Será sobretudo o vosso fervor apostólico a apoiar as comunidades cristãs confiadas a vós, em particular as de recente fundação. No esforço de requalificação do estilo do serviço missionário, é necessário privilegiar alguns elementos significativos, como a sensibilidade para a inculturação do Evangelho, o espaço dado à corresponsabilidade dos agentes pastorais, a escolha de formas simples e modestas de presença no meio do povo. Merecem atenção especial o diálogo com o Islão, o compromisso pela promoção da dignidade da mulher e dos valores da família, a sensibilidade pelos temas da justiça e da paz.

Queridos irmãos e irmãs, continuai o vosso caminho com esperança. A vossa consagração missionária possa ser cada vez mais fonte de encontro vivificante e santificador com Jesus e com o seu amor, manancial de consolação, paz e salvação para todos os homens.

Formulo votos para que as orientações elaboradas pelos respetivos Capítulos Gerais possam guiar os vossos Institutos a prosseguir com generosidade a estrada traçada pelo Fundador e seguida com coragem heroica por tantos irmãos e irmãs de hábito. Invoco a proteção celeste de Maria, Rainha das Missões, e do Beato José Allamano, e de coração concedo a todos vós a Bênção, estendendo-a à inteira Família da Consolata.



alegrias e dores, de luzes e sombras, foi marcada e permanece fecunda também nesses últimos anos pela Cruz de Cristo. Como não lembrar dos vossos irmãos e irmãs de hábito que amaram o Evangelho da caridade mais do que a si mesmos e coraaram o serviço missionário com o sacrifício da vida? A sua escolha evangélica sem reservas ilumine o vosso compromisso missionário e sirva de encorajamento para todos a prosseguir com generosidade renovada na vossa peculiar missão na Igreja.

Para levar em frente esta missão não fácil, é preciso viver a *comunhão com Deus* na percepção cada vez mais consciente da misericórdia da qual somos objetos por parte do Senhor. É muito mais importante dar-mos conta de quanto somos amados por Deus do que de quanto nós o amamos! Antes de tudo, faz-nos bem

familiaridade com Deus. As pessoas consagradas, porque se esforçam para se conformar mais perfeitamente com Cristo, mais do que todos, são os familiares de Deus, os íntimos, que tratam com o Senhor em plena liberdade e com espontaneidade, mas com admiração diante das maravilhas que Ele realiza.

Nesta perspectiva, a vida religiosa pode tornar-se um itinerário de redescoberta progressiva da misericórdia divina, facilitando a imitação das virtudes de Cristo e dos seus comportamentos ricos de humanidade, para depois os testemunhar a todos aos quais vos aproximais no serviço pastoral. Sabei recolher com alegria também os estímulos constantes à renovação e ao compromisso que provêm do contacto real com o Senhor Jesus, presente e ativo na missão através do Espírito Santo. Isto

## Visita do Papa ao Quirinal

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

digno do homem nos relacionamentos, no trabalho, na família e na sociedade.

Com esta finalidade, de todos aqueles que têm responsabilidades nos campos político e administrativo espera-se um trabalho paciente e humilde em vista do bem comum, que procure *revigorar os vínculos entre o povo e as instituições*, pois é desta teclagem tenaz e deste compromisso comum que se desenvolve a verdadeira democracia e que se oferece uma solução a questões que, por causa da sua complexidade, ninguém pode pretender resolver sozinho.

A Igreja na Itália é uma realidade vital, fortemente unida à alma do país, ao sentimento da sua população. Ela vive as suas alegrias e dores procurando, segundo as suas possibilidades, aliviar os seus sofrimentos, fortalecer o vínculo social e ajudar todos a construir o bem comum.

Também nisto, a Igreja inspira-se no ensinamento da Constituição pastoral *Gaudium et spes*, do Concílio Vaticano II, que auspicia a colaboração entre comunidade eclesial e comunidade política, dado que ambas estão ao serviço das mesmas pessoas humanas. Um ensinamento que foi consagrado, na revisão da Concordata de 1984, no primeiro artigo do Acordo, onde está formulado o compromisso do Estado e da Igreja «na colaboração recíproca para a promoção do homem e do bem do país».

Este compromisso, com referência ao princípio da distinção estabelecido no art. 7 da Constituição, exprime e ao mesmo tempo promove uma forma peculiar de *laicidade*, não hostil nem conflituosa, mas amistosa e colaborativa, não obstante a rigorosa distinção das competências próprias das instituições, por um lado políticas e por outro religiosas. Uma laicidade que o meu predecessor Bento XVI definiu “positiva”. E não podemos deixar de observar que,

graças a ela, na Itália são excelentes as relações na colaboração entre Igreja e Estado, com vantagem para os indivíduos e para toda a comunidade nacional.

Além disso a Itália tem o singular ónus e honra de contar, no seu âmbito, com a sede do governo universal da Igreja católica. É evidente que, não obstante as garantias oferecidas com o Tratado de 1929, a missão do Sucessor de Pedro não seria facilitada sem a cordial e generosa disponibilidade e colaboração do Estado italiano. Foi possível ter uma ulterior demonstração disto durante o recente Jubileu extraordinário, que viu a chegada de numerosos fiéis a Roma, junto dos túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo, no espírito da reconciliação e da misericórdia. Apesar da insegurança dos tempos que estamos a viver, as celebrações jubilares puderam ter lugar de maneira tranquila e com grande vantagem espiritual. Do grande trabalho garantido pela Itália a tal propósito, a San-

ta Sé está plenamente consciente e agradece sentidamente.

Senhor Presidente!

Estou convicto de que, se a Itália souber valer-se de todos os seus recursos espirituais e materiais, em espírito de colaboração entre os seus diversos componentes civis, encontrará o caminho certo para um regular desenvolvimento e para governar do modo mais apropriado os fenómenos e as problemáticas que estão à sua frente.

A Santa Sé, a Igreja católica e as suas instituições asseguram, na distinção das funções e das responsabilidades, a sua colaboração efetiva em vista do bem comum. Na Igreja católica e nos princípios do Cristianismo, que plasmou a sua rica e milenária história, a Itália encontrará sempre o melhor aliado para o crescimento da sociedade, para a sua concórdia e para o seu verdadeiro progresso.

Deus abençoe e proteja a Itália!

Vigília de Pentecostes no Circo Máximo

## Diversidade reconciliada

«Mesmo mostrando que temos diferenças, desejamos ser uma diversidade reconciliada», afirmou o Papa Francisco presidindo no final da tarde de sábado, 3 de junho, no Circo Máximo, à vigília de oração ecumênica organizada pelo International Catholic Charismatic Renewal Service e pela Catholic Fraternity no âmbito das celebrações para o cinquentenário da Renovação carismática.

Irmãos e irmãs, obrigado pelo testemunho que dais hoje, aqui: obrigado! Faz-nos bem a todos, faz bem também a mim, a todos!

No primeiro capítulo do livro dos Atos dos Apóstolos lemos: «E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai, que ouvistes — disse ele — da minha boca: João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias» (1, 4-5).

«E chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceram-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem» (At 2, 1-4).

Hoje estamos aqui como num Cenáculo ao ar livre, e também com o coração aberto à promessa do Pai. Estamos reunidos «todos nós crentes», todos aqueles que professam que «Jesus é o Senhor», «*Jesus is the Lord*». Muitos vieram de diversas partes do mundo e o Espírito Santo reuniu-nos para estabelecer vínculos de amizade fraterna que nos encorajem no caminho rumo à unidade, a unidade para a missão: não para estar parados, não, para a missão, para proclamar que Jesus é o Senhor — «*Jesus es el Señor*» — para anunciar juntos o amor do Pai por todos os seus filhos! Para anunciar a Boa Nova a todos os povos! Para demonstrar que a paz é possível. Não é muito fácil demonstrar ao mundo de hoje que a paz é possível, mas em nome de Jesus podemos demonstrar com o nosso testemunho que a paz é possível! Mas é possível se estivermos em paz entre nós. Se acentuarmos as diferenças, estaremos em guerra entre nós e não poderemos anunciar a paz. A paz é possível a partir da nossa confissão que Jesus é o Senhor e da nossa evangelização nesta estrada. É possível. Mesmo mostrando que temos diferenças — mas isto é óbvio, temos diferenças — mas que desejamos ser uma diversidade reconciliada. Então, não devemos esquecer esta palavra mas dizê-la todos: diversidade reconciliada. E esta palavra não é minha, não é minha. É de um irmão luterano. Diversidade reconciliada.

E agora estamos aqui e somos numerosos! Reunimo-nos para rezar juntos, para pedir a vinda do Espírito Santo sobre cada um de nós a fim de que possamos sair pelas ruas da

cidade e do mundo para proclamar o senhorio de Jesus Cristo.

O livro dos Atos afirma: «Partos, Medos, Elamitas; os que habitam a Macedónia, a Judeia, a Capadócia, o Ponto, a Ásia, a Frígia, a Panfília, o Egito e as províncias da Líbia próximas a Cirene; peregrinos romanos, judeus ou prosélitos, cretenses e árabes; ouvimo-los publicar em nossas línguas as maravilhas de Deus» (2, 9-11). Falar a mesma língua, ouvir, compreender... Há diferenças, mas o Espírito faz-nos entender a mensagem da ressurreição de Jesus na nossa própria língua.

Estamos aqui reunidos crentes provenientes de 120 países do mundo, para celebrar a obra soberana do Espírito Santo na Igreja, que teve início há 50 anos e deu vida a... uma instituição? A uma organização? Não. A uma corrente de graça, uma corrente de graça da Renovação Carismática Católica. Obra que nasceu... católica? Não. Nasceu ecumênica! Nasceu ecumênica porque é o Espírito Santo quem cria a unidade e é o mesmo Espírito Santo que deu a inspiração para que fosse assim! É importante ler as obras do cardeal Suenens sobre isto: é muito importante!

A vinda do Espírito Santo transforma homens fechados por causa do medo em testemunhas corajosas de Jesus. Pedro, que renegara Jesus por três vezes, repleto da força do Espírito Santo proclama: «Que toda a casa de Israel saiba, portanto, com a maior certeza que este Jesus, que vós crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Cristo» (At 2, 36). Esta é a profissão de fé de cada cristão! Deus constituiu Senhor e Cristo aquele Jesus que vós crucificastes ou que foi crucificado. Estais de acordo com esta profissão de fé? [respondem: Sim!] É a nossa, de todos, todos, a mesma!

A Palavra prossegue dizendo: «Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um. Vendiam: ajudavam os pobres. Havia alguns espartos — pensemos em Ananias e Safira, há sempre — mas todos crentes, a maioria, ajudavam-se uns aos outros. Unidos de coração frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e cativando a sim-



patia de todo o povo. E o Senhor cada dia lhes juntava outros que estavam a caminho da salvação» (2, 44-47). A comunidade crescia, e havia o Espírito que inspirava. Eu gosto muito de pensar em Filipe, quando o anjo lhe diz: «Vai em direção do caminho que desce a Gaza» e procura aquele prosélito, ministro da economia da rainha da Etiópia, Candace. Era um prosélito e lia Isaías. E Filipe explicou-lhe a Palavra, proclamou Jesus, e aquele converteu-se. Num dado momento, disse: «Mas aqui há água: quero ser batizado». Foi o Espírito que impeliu Filipe a ir ali, e foi desde o início o Espírito quem impeliu todos os crentes a proclamar o Senhor.

Hoje escolhemos reunir-nos aqui, neste lugar — disse o pastor Traettino — porque aqui, durante as perseguições foram martirizados alguns cristãos, para o deleite daqueles que assistiam. Hoje há mais mártires do que ontem! Hoje há mais mártires, cristãos. Aqueles que matam os cristãos, antes de os assassinar não lhes perguntam: «És ortodoxo? És católico? És evangélico? És luterano? És calvinista?». Não. «És cristão?» — «Sim»: degolam imediatamente. Hoje há mais mártires do que nos primeiros tempos. E este é o ecumenismo do sangue: une-nos o testemunho dos nossos mártires de hoje. O sangue cristão é derramado em diversos lugares do mundo! Hoje é mais urgente do que nunca a unidade dos cristãos, unidos por obra do Espírito Santo, na oração e na ação em prol dos mais débeis. Caminhar juntos, trabalhar juntos. Amar-nos. Amar-nos. E juntamente procurar explicar as diferenças, chegar a um acordo, mas a caminho! Se permanecermos parados, sem caminhar, nunca, nunca concordaremos. É assim, porque o Espírito nos quer a caminho.

Cinquenta anos de Renovação Carismática Católica. Uma corrente

de graça do Espírito! E por que corrente de graça? Porque não há fundadores, nem estatutos, nem órgãos de governo. Claramente nesta corrente surgiram várias expressões que, sem dúvida, são obras humanas inspiradas pelo Espírito, com vários carismas, e todas ao serviço da Igreja. Mas não se podem colocar barreiras à corrente, nem se pode fechar o Espírito Santo numa gaiola!

Passaram cinquenta anos. Quando se chega a essa idade as forças começam a diminuir. É a metade da vida — na minha terra dizemos «*el cincuentazo*» — as rugas tornam-se mais profundas — a não ser que nos maquilhemos, mas há rugas — os cabelos grisalhos aumentam e começamos também a esquecer-nos de algumas coisas...

Cinquenta anos é um momento da vida oportuno para parar e fazer uma reflexão. É o momento da reflexão: metade da vida. Eu diria: é o momento para ir em frente com mais força, deixando para trás a poeira do tempo que permitimos que se acumulasse, agradecendo aquilo que recebemos e enfrentando o novo com confiança na ação do Espírito Santo!

O Pentecostes faz nascer a Igreja. O Espírito Santo, a promessa do Pai anunciada por Jesus Cristo, é Aquele que faz a Igreja: a esposa do Apocalipse, uma única esposa! Afirmou o pastor Traettino: o Senhor tem uma esposa!

O dom mais precioso que todos recebemos é o Batismo. E agora o Espírito conduz-nos pelo caminho de conversão que atravessa todo o mundo cristão e é mais um motivo para que a Renovação Carismática Católica seja um lugar privilegiado a fim de percorrer a estrada rumo a unidade!

Esta corrente de graça é para toda a Igreja, não só para alguns, e ninguém de nós é o «senhor» e todos os outros são servos. Não. Todos somos servos desta corrente de graça.

Juntamente com esta experiência, lembrais constantemente à Igreja o poder da oração de louvor. Louvor que é a oração de gratidão e de ação de graças pelo amor gratuito de Deus. Pode acontecer que alguém não goste deste modo de rezar, mas não há dúvida que se insere plenamente na tradição bíblica. Por exemplo, os Salmos: David dançava diante da Arca da Aliança, cheio de júbilo... E por favor, não caiamos na atitude dos cristãos com o «complexo de Micol», que se envergonhava pe-

Em outubro de 2019 para o centenário da carta apostólica «Maximum illud» de Bento XV

## Um mês de oração pelas missões

«Aceitei de muito bom grado a proposta de proclamar um tempo extraordinário de oração e reflexão sobre a missão ad gentes. Pedirei à Igreja inteira que dedique o mês de outubro do ano de 2019 a esta finalidade», no centenário da carta apostólica *Maximum illud* de Bento XV. Anunciou o Papa Francisco recebendo na manhã de sábado 3 de junho, na sala Clementina, os participantes na assembleia geral das Pontifícias obras missionárias. Em seguida publicamos o discurso do Sumo Pontífice, proferido após a saudação que lhe foi dirigida pelo prefeito da Congregação para a evangelização dos povos, cardeal Fernando Filoni.

Senhor Cardeal  
Caros irmãos e irmãs!

É com alegria que vos recebo, no encerramento da vossa Assembleia geral, enquanto agradeço ao Cardeal Fernando Filoni as suas palavras. Além disso, saúdo todos os Superiores, os Secretários-Gerais, os Diretores Nacionais e todos vós aqui presentes.

Conheceis bem a minha preocupação a respeito das Pontifícias Obras Missionárias, com muita frequência reduzidas a uma organização que, em nome do Papa, angaria e distribui ajudas financeiras às Igrejas mais necessitadas. Sei que procurais novos caminhos, modalidades mais adequadas e eclesiais para desempenhar o vosso serviço a favor da missão universal da Igreja. Neste urgente processo de reformar, deixemo-nos ajudar também pela intercessão dos Santos Carlos Lwanga e companheiros, mártires de Uganda, cuja memória litúrgica é celebrada hoje.

Para renovar o ardor e a paixão, motor espiritual da atividade apostólica de numerosos santos e mártires missionários, aceitei de muito bom grado a vossa proposta, elaborada juntamente com a Congregação para a Evangelização dos Povos, de proclamar um tempo extraordinário de oração e reflexão sobre a *missão ad gentes*. Pedirei à Igreja inteira que dedique o mês de outubro do ano de 2019 a esta finalidade, porque naquele ano celebraremos o centenário

da Carta Apostólica *Maximum illud*, do Papa Bento XV. Neste importantíssimo documento do seu Magistério sobre a missão, o Papa recorda como é necessária, em vista da eficácia do apostolado, a santidade de vida; por conseguinte, ele recomenda uma união cada vez mais vigorosa com Cristo e uma participação mais convencida e jubilosa na sua paixão divina de anunciar o Evangelho a todos, amando e prodigalizando misericórdia a todos. Isto é fundamental como nunca para a missão, inclusive nos dias de hoje. Homens e mulheres «insignes por zelo e santidade» são sempre mais necessários para a Igreja e a missão. «Quem anuncia Deus, seja homem de Deus», exortava Bento XV (cf. Carta Apostólica *Maximum illud*, 30 de novembro de 1919: *AAS XI* [1919], 449).

Renovar-se exige conversão, requer que se viva a missão como oportunidade permanente de anunciar Cristo, de o levar a ser encontrado, testemunhando e tornando os outros partícipes do nosso encontro pessoal com Ele. Faço votos a fim de que a vossa assistência espiritual e material às Igrejas as levem a estar cada vez mais fundamentadas no Evangelho e no compromisso batismal de todos os fiéis, leigos e clérigos, na única missão da Igreja: que torne o amor de Deus próximo de cada homem, especialmente dos mais necessitados da sua misericórdia. O Mês extraordinário de oração e reflexão sobre a missão como primeira evangelização contribuirá para



esta renovação da fé eclesial, a fim de que no seu núcleo esteja e atue sempre a Páscoa de Jesus Cristo, único Salvador, Senhor e Esposo da sua Igreja.

A preparação para este tempo extraordinário, dedicado ao primeiro anúncio do Evangelho, nos ajude a ser cada vez mais Igreja em missão, segundo as palavras do beato Paulo VI, na sua Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, magna carta do compromisso missionário pós-conciliar. O Papa Montini escrevia: «Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor. Povo de Deus imerso no mundo, e não raro tentado pelos ídolos, ela precisa de ouvir, incessantemente, proclamar as grandes obras de Deus (cf. *At 2, 11; 1 Pd 2, 9*), que a converteram para o Senhor; ela precisa sempre de ser convocada e reunida de novo por Ele. Numa palavra, é como se disséssemos que ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se

quiser conservar o vigor, o alento e a força, para anunciar o Evangelho» (n. 15).

No espírito do ensinamento do beato Paulo VI, desejo que a celebração do centenário da *Maximum illud*, no mês de outubro de 2019, seja um tempo propício a fim de que a oração, o testemunho de tantos santos e mártires da missão, a reflexão bíblica e teológica, a catequese e a caridade missionária contribuam para evangelizar antes de tudo a Igreja, de tal forma que ela, voltando a encontrar o vigor e o ardor do primeiro amor pelo Senhor Crucificado e Ressuscitado, possa evangelizar o mundo com credibilidade e eficácia evangélica.

Abençoo todos vós neste dia que precede a solenidade de Pentecostes. Peço à Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos e Mãe da Igreja, que nos estimule sempre com o testemunho da sua fé e com a garantia reconfortante da sua intercessão maternal. Os beatos apóstolos Pedro e Paulo, os santos mártires Carlos Lwanga e companheiros, e o beato Paulo Manna jamais deixem de interceder junto de Deus por todos nós, seus missionários.

## Diversidade reconciliada

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

lo modo como David louvava a Deus [dançando em frente da Arca].

Júbilo, alegria, felicidade fruto da mesma ação do Espírito Santo! O cristão ou experimeta a alegria no seu coração ou significa que algo não funciona. A alegria do anúncio da Boa Nova do Evangelho!

Jesus na Sinagoga de Nazaré lê o trecho de Isaías. Leio: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor» (*Lc 4, 18-19*; cf. *61, 1-2*). A boa nova: não esqueçamos isto. O jubiloso anúncio: o anúncio cristão é sempre jubiloso.

O terceiro documento de Malines, «Renovação Carismática e Serviço

ao Homem», escrito pelo cardeal Suenens e por padre Helder Camara, é claro: renovação carismática e também serviço ao homem.

*Batismo no Espírito Santo, louvor, serviço ao homem.* As três coisas estão ligadas de forma indissolúvel. Posso dar louvor profundamente, mas se eu não ajudar os mais necessitados, não é suficiente. «Não havia entre eles necessitado algum» (*At 4, 34*), estava escrito no Livro dos Atos.

Não seremos julgados pelo nosso louvor, mas por quanto fizemos por Jesus. «Mas Senhor, quando foi que fizemos isto por ti? Todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes» (cf. *Mt 25, 39-40*).

Queridas irmãs e caros irmãos, desejo-vos um tempo de reflexão, de memória das origens; um tempo para que deixeis para trás todas as coi-

zas acrescentadas pelo próprio ego, transformando-as em escuta e acolhimento jubiloso da ação do Espírito Santo, que sopra onde e como quer!

Agradeço à Fraternidade Católica e a ICCRS por ter organizado este Jubileu de Ouro, e estas Vésperas. E agradeço a cada um dos voluntários que a tornaram possível, muitos dos quais se encontram aqui. Quis saudar os membros da equipa do gabinete quando cheguei, porque sei que trabalharam muito! E sem ser pagos! Trabalharam muito. A maioria são jovens de diversos continentes! Que o Senhor os abençoe abundantemente!

Agradeço especialmente o facto de que o pedido, que vos fiz há dois anos, de dar à Renovação Carismática mundial um único serviço internacional com base aqui, tenha começado a concretizar-se nos Atos Constitutivos deste novo serviço único. É

o primeiro passo, outros se seguirão, contudo em breve a unidade, obra do Espírito Santo, será uma realidade. «Eis que eu renovo todas as coisas», diz o Senhor (*Ap 21, 5*).

Obrigado, Renovação Carismática Católica, por aquilo que destes à Igreja nestes cinquenta anos! A Igreja conta convosco, com a vossa fidelidade à Palavra, com a vossa disponibilidade ao serviço e o testemunho de vidas transformadas pelo Espírito Santo!

Compartilhar com todos na Igreja o Batismo no Espírito Santo, louvar o Senhor sem cessar, caminhar juntamente com os cristãos de diversas Igrejas e comunidades cristãs na oração e na ação para com os mais necessitados. Servir os mais pobres e os enfermos, eis o que a Igreja e o Papa esperam de vós, Renovação Carismática Católica, mas de vós todos: todos, todos vós que entrastes nesta corrente de graça! Obrigada.

Vladimir Zuzuzin, «The Trinity (El Greco Improvisation)»

No Angelus o Pontífice falou sobre a Trindade

## O mistério da identidade divina

«Deus procura-nos sempre primeiro, espera-nos primeiro, ama-nos primeiro», recordou o Papa Francisco no Angelus de domingo 11 de junho, na praça de São Pedro, falando do mistério da Trindade.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

As Leituras bíblicas deste domingo, solenidade da Santíssima Trindade, ajudam-nos a entrar no mistério da identidade de Deus. A segunda Leitura apresenta as palavras de bons votos que São Paulo dirige à comunidade de Corinto: «A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo estejam com todos vós» (2 Cor 13, 13). Esta – digamos – «bênção» do

Apóstolo é fruto da sua experiência pessoal do amor de Deus, daquele amor que Cristo ressuscitado lhe revelou, que transformou a sua vida e o «estimulou» a levar o Evangelho aos gentios. A partir daquela sua experiência de graça, Paulo pode exortar os cristãos com estas palavras: «regozijai-vos, sede perfeitos, consolai-vos uns aos outros, [...] vivei em paz». A comunidade cristã, mesmo com todos os limites humanos, pode tornar-se um reflexo da comunhão da Trindade, da sua bondade, da sua beleza. Mas isto – como testemunha o próprio Paulo – passa necessariamente através da experiência da misericórdia de Deus, do seu perdão.

Foi o que aconteceu com os hebreus no caminho do êxodo. Quando o povo infringiu a aliança, Deus apresentou-se a Moisés na nuvem para renovar o pacto, proclamando o próprio nome e o seu significado. Diz assim: «o Senhor Deus, misericordioso e piedoso, tardio em irar-se e grande em beneficência e verdade» (Ex 34, 6). Este nome expressa que Deus não está distante nem fechado em si mesmo, mas é Vida que se quer comunicar, é abertura, é Amor que resgata o homem da infidelidade. Deus é «misericordioso», «piedoso» e «rico de graça» porque se oferece a nós para superar os nossos

CONTINUA NA PÁGINA 11



Discurso do Papa a uma delegação da diocese nigeriana de Ahiara

### Pelo bem do povo de Deus

O Papa Francisco recebeu em audiência no dia 8 de junho os membros de uma delegação da diocese de Ahiara, acompanhados pelo cardeal John Onaiyekan, arcebispo de Abuja e administrador apostólico de Ahiara, D. Anthony Obinna, arcebispo metropolitano de Owerri, D. Ignatius Kaigama, arcebispo de Jos e presidente da Conferência episcopal da Nigéria, e D. Peter Okpaleke, bispo

de Ahiara. Estavam presentes no encontro o cardeal secretário de Estado, o prefeito e os superiores da Congregação para a evangelização dos povos. Da delegação faziam parte os sacerdotes Clement O. Ebiu, Jude N. Uwalaka e Uhuegbu Innocent Olekamma; a irmã Bernadette O. Ezeji e Stanley Pius Iwu, chefe tradicional em nome dos religiosos e dos fiéis leigos. No final do discurso do Pontífice

— que publicamos a seguir — o cardeal Onaiyekan pronunciou expressões de agradecimento. Por sua vez o cardeal prefeito da Congregação para a evangelização dos povos, Fernando Filoni, pediu a Francisco — que aceitou — para que na conclusão desta vicissitude a diocese de Ahiara, juntamente com o seu bispo, realizem uma peregrinação a Roma e se encontrem com o Papa.

Saúdo cordialmente a Delegação e agradeço por terdes vindo da Nigéria em espírito de peregrinação. Para mim, é uma consolação este encontro, porque estou muito triste pela vicissitude da Igreja em Ahiara.

De facto, a Igreja (e peço desculpas pela palavra) está como que em estado de viuvez por ter impedido o Bispo de tomar posse. Muitas vezes vem-me à mente a parábola dos vi-

paciência do Bispo; digo de santa paciência demonstrada por ele. Ouvei e refleti muito, até sobre a ideia de suprimir a Diocese; mas depois pensei que a Igreja é mãe e não pode abandonar tantos filhos como vós. Sinto uma grande dor pelos sacerdotes que são manipulados, talvez até do estrangeiro e de fora da Diocese.

Penso que não se trata de um caso de tribalismo, mas de apropriação da vinha do Senhor. A Igreja é mãe e quem a ofende comete um pecado mortal, é grave. Portanto, decidi não suprimir a Diocese. Todavia, desejo dar algumas indicações a serem comunicadas a todos: antes de tudo deveis dizer que o Papa está profundamente entristecido, por conseguinte, peço que cada sacerdote ou eclesiástico incardinado na Diocese de Ahiara, quer seja residente, quer trabalhe noutra parte, inclusive no estrangeiro, me escreva uma carta na qual pede perdão; todos devem escrever individual e pessoalmente; todos devemos sentir esta dor comum.

Na carta

1. devem manifestar claramente total obediência ao Papa, e
2. quem escrever deve estar disposto a aceitar o Bispo que o Papa enviar e o Bispo nomeado.
3. A carta deve ser enviada em 30 dias a partir de hoje até 9 de julho próximo. Quem não o fizer será sus-

penso *ipso facto a divinis* e deixará o seu ofício.

Isto parece muito duro, mas por que o Papa o faz? Porque o Povo de Deus está escandalizado. Jesus recorda que quem escandaliza, deve suportar as consequências. Talvez alguns tenham sido manobrados sem

a plena consciência da ferida causada à comunidade eclesial.

A vós, irmãos e irmãs, manifesto vivo agradecimento pela vossa presença; assim como ao Cardeal Onaiyekan pela sua paciência e ao Bispo Okpaleke, do qual admiro não só a paciência mas também a humildade. Obrigado a todos.



nhateiros assassinos, dos quais fala o Evangelho (cf. Mt 21, 33-44)... que desejam aproveitar-se da herança. Nesta situação é como se a Diocese de Ahiara estivesse sem o esposo, perdeu a fecundidade e não pode produzir fruto.

Quem se opôs à tomada de posse do Bispo D. Okpaleke quer destruir a Igreja; isto não é permitido; talvez não se dê conta, mas a Igreja está a sofrer e o Povo de Deus nela. O Papa não pode ficar indiferente.

Conheço muito bem as vicissitudes que há anos se arrastam na Diocese e agradeço a atitude de grande

### Credenciais do embaixador da África do Sul

Na manhã de sábado 3 de junho, o Papa recebeu Sua Excelência o senhor George Johannes, embaixador da África do Sul, para a apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé



Sua Excelência o senhor George Johannes, primeiro embaixador da África do Sul junto da Santa Sé residente em Roma, nasceu a 24 de novembro de 1945. É casado. Obteve o certificado de ensino para as escolas primárias (1966), o diploma de pós-graduação em orientação profissional (University of Reading, Berkshire, Reino Unido, 1977), o doutorado em filosofia (University of Leicester) e o master para o ensino aos estudantes de economia política e políticas (University of London, Birbeck College). Desempenhou os seguintes cargos: diretor das relações internacionais junto do departamento do trabalho do Congresso nacional africano (1995); funcionário no departamento dos Negócios estrangeiros (1997); vice-alto comissário em Londres e no Canadá (1997-2003); vice-embaixador em Berlim, Alemanha (2004-2009); embaixador em Berna, junto da Santa Sé e em Liechtenstein (2009-2014).

O Pontífice voltou a denunciar a injustiça social fruto da avarice e da exploração

## Não se resignar ao escândalo da pobreza

O Papa Francisco celebrará no dia 19 de novembro próximo, trigésimo terceiro domingo do tempo comum, o primeiro dia mundial dos pobres, instituído no ano passado com a carta apostólica «Misericórdia et misericórdia» na conclusão do jubileu da misericórdia. Para a ocasião, na manhã de terça-feira 13 de junho foi difundido o texto da mensagem papal que publicamos a seguir.



«Não amemos com palavras mas com obras»

1. «Meus filhinhos, não amemos com palavras nem com a boca, mas com obras e com verdades» (1. Jo 3, 18). Estas palavras do apóstolo João exprimem um imperativo de que nenhum cristão pode prescindir. A importância do mandamento de Jesus, transmitido pelo «discípulo amado» até aos nossos dias, parece ainda mais acentuada ao contrapor as *palavras vazias*, que frequentemente se encontram na nossa boca, às *obras amorosas*, as únicas capazes de medir verdadeiramente o que valemos. O amor não admite alibis: quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres. Aliás, é bem conhecida a forma de amar do Filho de Deus, e João recorda com clareza. Assenta sobre duas colunas mestras: o primeiro a amar foi Deus (cf. 1. Jo 4, 10.19); e amou dando-se totalmente, incluindo a própria vida (cf. 1. Jo 3, 16).

Um amor assim não pode ficar sem resposta. Apesar de ser dado de maneira unilateral, isto é, sem pedir nada em troca, ele abraça de tal forma o coração, que toda e qualquer pessoa se sente levada a retribuí-lo não obstante as suas limitações e pecados. Isto é possível, se a graça de Deus, a sua caridade misericordiosa, for acolhida no nosso coração a ponto de mover a nossa vontade e os nossos afetos para o amor ao próprio Deus e ao próximo. Deste modo a misericórdia, que brota por assim dizer do coração da Trindade, pode chegar a pôr em movimento a nossa vida e gerar compaixão e obras de misericórdia em prol dos irmãos e irmãs que se encontram em necessidade.

2. «Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o» (Sl 34/33, 7). A Igreja compreendeu, desde sempre, a importância de tal invocação. Possuímos um grande testemunho já nas primeiras páginas dos Atos dos Apóstolos, quando Pedro pede para se escolher sete homens «cheios do Espírito e de sa-

bedoria» (6, 3), que assumam o serviço de assistência aos pobres. Este é, sem dúvida, um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço aos mais pobres. Tudo isto foi possível, por ela ter compreendido que a vida dos discípulos de Jesus se devia exprimir numa fraternidade e numa solidariedade tais, que correspondesse ao ensinamento principal do Mestre que tinha proclamado os pobres *ben-aventurados e herdeiros* do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3).

«Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 45). Esta frase mostra, com clareza, como estava viva nos primeiros cristãos tal preocupação. O evangelista Lucas – o autor sagrado que deu mais espaço à misericórdia do que qualquer outro – não está a fazer retórica, quando descreve a prática da partilha na primeira comunidade. Antes, pelo contrário, com a sua narração, pretende falar aos fiéis de todas as gerações (e, por conseguinte, também à nossa), procurando sustentá-los no seu testemunho e incentivá-los à ação concreta a favor dos mais necessitados. E o mesmo ensinamento é dado, com igual convicção, pelo apóstolo Tiago, usando expressões fortes e incisivas na sua Carta: «Ouví, meus amados irmãos: portanto não escolho Deus os pobres segundo o mundo para serem ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que O amam? Mas vós desonrais o pobre. Porventura não são os ricos que vos oprimem e vos arrastam aos tribunais? [...] De que aproveita, irmãos, que alguém diga que tem fé, se não tiver obras de fé? Acaso essa fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem de alimento quotidiano, e um de vós lhes disser: "Ide em paz, tratai de vos aquecer e matar a fome", mas não lhes dais o que é necessário ao corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se ela não tiver obras, está completamente morta» (2, 5-6.14-17).

3. Contudo, houve momentos em que os cristãos não escutaram profundamente este apelo, deixando-se contagiar pela mentalidade mundana. Mas o Espírito Santo não deixou de os chamar a manterem o olhar fixo no essencial. Com efeito, fez surgir homens e mulheres que, de vários modos, ofereceram a sua vida ao serviço dos pobres. Nestes dois mil anos, quantas páginas de história foram escritas por cristãos que, com toda a simplicidade e humildade, serviram os seus irmãos mais pobres, animados por uma generosa fantasia da caridade!

Dentre todos, destaca-se o exemplo de Francisco de Assis, que foi seguido por tantos outros homens e mulheres santos, ao longo dos séculos. Não se contentou com abraçar e dar *escola* aos leprosos, mas decidiu ir a Gúbio para estar junto com eles. Ele mesmo identificou neste encontro a viragem da sua conversão: «Quando estava nos meus pecados, parecia-me devesa insuportável ver os leprosos. E o próprio Senhor

levou-me para o meio deles e usei de misericórdia para com eles. E, ao afastar-me deles, aquilo que antes me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo» (Test. 1-3: FF 110). Este testemunho mostra a força transformadora da caridade e o estilo de vida dos cristãos.

Não pensemos nos pobres apenas como destinatários de uma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida. Na verdade, a oração, o caminho do discípulo e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica. E deste modo de viver derivam alegria e serenidade de espírito, porque se toca palpavelmente a *carne de Cristo*. Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, repartido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade de partilha no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis. Continuam a ressoar de grande atualidade estas palavras do santo bispo Crisóstomo:

«Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto

lá fora O abandonas ao frio e à nudez» (Hom. in Matthaeum, 50, 3: PG 58).

Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecemos o valor que a pobreza encerra em si mesma.

4. Não esqueçamos que, para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de tudo, uma *vocação a seguir Jesus pobre*. É um caminhar atrás d'Ele e com Ele: um caminho que conduz à *ben-aventurança* do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça. Assim entendida, a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2545).

Assumamos, pois, o exemplo de São Francisco, testemunha da pobreza genuína. Ele, precisamente por ter conhecido os olhos fixos em Cristo, soube reconhecê-

Lo e servi-Lo nos pobres. Por conseguinte, se desejamos dar o nosso contributo eficaz para a mudança da história, gerando verdadeiro desenvolvimento, é necessário escutar o grito dos pobres e comprometermo-nos a erguê-los do seu estado de marginalização. Ao mesmo tempo recordo, aos pobres que vivem nas nossas cidades e nas nossas comunidades, para não perderem o sentido da pobreza evangélica que traz impresso na sua vida.

5. Sabemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, para se poder identificar claramente a pobreza. E todavia esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos vindos pelo sofrimento, a marginalização, a opressão, a violência, as torturas e a prisão, pela guerra, a privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e o analfabetismo, pela emergência sanitária e a falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e a escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para interesses vis, espezninhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro. Como é impiedoso e nunca completo o elenco que se é constrangido a elaborar à vista da pobreza, fruto da injustiça social, da miséria moral, da avarice de poucos e da indiferença generalizada!

Infelizmente, nos nossos dias, enquanto sobressai cada vez mais a riqueza descarada que se acumula nas mãos de poucos privilegiados, frequentemente acompanhada pela ilegalidade e a exploração ofensiva da dignidade humana, causa escândalo a extensão da pobreza a grandes setores da sociedade

no mundo inteiro. Perante este cenário, não se pode permanecer inerte e, menos ainda, resignado. A pobreza que inibe o espírito de iniciativa de tantos jovens, impedindo-os de encontrar um trabalho, à pobreza que anestesia o sentido de responsabilidade, induzindo a preferir a abdicação e a busca de favoritismos, à pobreza que envenena os poços da participação e restringe os espaços do profissionalismo, humilhando assim o mérito de quem trabalha e produz: a tudo isso é preciso responder com uma nova visão da vida e da sociedade.

Todos estes pobres – como gostava de dizer o Beato Paulo VI – pertencem à Igreja por «direito evangélicos» (*Discurso de abertura* na segunda Sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II, 29 de setembro de 1963) e obrigam à opção fundamental por eles. Por isso, benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem «se» nem «mas», nem «talvez»: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus.

6. No termo do Jubileu da Misericórdia, quis oferecer à Igreja o *Dia Mundial dos Pobres*, para que as comunidades cristãs se tornem, em todo o mundo, cada vez mais e melhor sinal concreto da caridade de Cristo pelos últimos e os mais carenciados. Quero que, aos outros Dias Mundiais instituídos pelos meus Antecessores e sendo já tradição na vida das nossas comunidades, se acrescente este, que completa o conjunto de tais Dias com um elemento requintadamente evangélico, isto é, a predileção de Jesus pelos pobres.

Convindo a Igreja inteira e os homens e mulheres de boa vontade a fixar o olhar, neste dia, em todos aqueles que estendem as suas mãos invocando ajuda e pedindo a nossa solidariedade. São nossos irmãos e irmãs, criados e amados pelo único Pai celeste. Este *Dia* pretende estimular, em primeiro lugar, os crentes, para que reajam à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro. Ao mesmo tempo, o convite é dirigido a todos, independentemente da sua pertença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Deus criou o céu e a terra para todos; foram os homens que, infelizmente, ergueram fronteiras, muros e recintos, traído o dom originário destinado à humanidade sem qualquer exclusão.

7. Desejo que, na semana anterior ao *Dia Mundial dos Pobres* – que este ano será no dia 19 de novembro, XXXIII domingo do Tempo Comum – as comunidades cristãs se empenhem na criação de muitos momentos de encontro e amizade, de solidariedade e ajuda concreta. Poderão ainda convidar os po-

bres e os voluntários para participarem, juntos, na Eucaristia deste domingo, de modo que, no domingo seguinte, a celebração da Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo resulte ainda mais autêntica. Na verdade, a realeza de Cristo aparece em todo o seu significado precisamente no Gólgota, quando o Inocente, pregado na cruz, pobre, nu e privado de tudo, encarna e revela a plenitude do amor de Deus. O seu completo abandono ao Pai, ao mesmo tempo que exprime a sua pobreza total, torna evidente a força deste Amor, que O ressuscita para uma vida nova no dia de Páscoa.

Neste domingo, se no nosso bairro viverem pobres que buscam proteção e ajuda, aproximemo-nos deles: será um momento propício para encontrar o Deus que buscamos. Como ensina a Sagrada Escritura (cf. Gn 18, 3-5; Hb 13, 2), acolhamo-los como hóspedes privilegiados à nossa mesa; poderão ser mestres, que nos ajudam a viver de maneira mais coerente a fé. Com a sua confiança e a disponibilidade para aceitar ajuda, mostramos-nos, de forma sóbria e muitas vezes feliz, como é decisivo vivermos do essencial e abandonarmos-nos à providência do Pai.

8. Na base das múltiplas iniciativas concretas que se poderão realizar neste *Dia*, esteja sempre a *oração*. Não esqueçamos que o *Pai-Nosso* é a oração dos pobres. De facto, o pedido do pão exprime o abandono a Deus nas necessidades primárias da nossa vida. Tudo o que Jesus nos ensinou com esta oração exprime e recolhe o grito de quem sofre pela precariedade da existência e a



falta do necessário. Aos discípulos que Lhe pediam para os ensinar a rezar, Jesus respondeu com as palavras dos pobres que se dirigem ao único Pai, em quem todos se reconhecem como irmãos. O *Pai-Nosso* é uma oração que se exprime no plural: o pão que se pede é «nosso», e isto implica partilha, com participação e responsabilidade comum. Nesta oração, todos reconhecemos a existência de superar qualquer forma de egoísmo, para termos acesso à alegria do acolhimento recíproco.

9. Aos irmãos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos – que, por vocação, têm a missão de apoiar os pobres – às pessoas consagradas, às associações, aos movimentos e ao vasto mundo do voluntariado, peço que se comprometam para que, com este *Dia Mundial dos Pobres*, se instaure uma tradição que seja contribuição concreta para a evangelização no mundo contemporâneo.

Que este novo *Dia Mundial* se torne, pois, um forte apelo à nossa consciência crente, para ficarmos cada vez mais convictos de que partilhar com os pobres permite-nos compreender o Evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho.

Vaticano, Memória de Santo António de Lisboa, 13 de junho de 2017







Rafael, «Anunciação»  
predela do retábulo Oddi (1502-1503)

Expostas as obras-primas dos Museus do Vaticano

## Maria na capital portuguesa

SILVIA GUIDI

«Um percurso encantador, que se desenrola entre fragmentos de tecidos que remontam aos séculos VIII-IX e o extraordinário pluvial em *opus anglicanum* realizado na Inglaterra nos finais do século XIII; e continua com obras dos inícios do século XIV, como Nossa Senhora dos «Battuti» de Bolonha e as tábuas de Sano de Pietro e Taddeo de Batolo de Sena, e depois ainda com pinturas de Gentile de Fabriano, Lippo Memmi e o místico Beato Angélico». Barbara Jatta, diretora dos Museus do Vaticano, está a falar de «Madonna. Treasures from the Vatican Museums» a exposição que decorre no Museu de arte antiga de Lisboa, que ficará aberta até 10 de setembro de 2017.

Na inauguração, ocorrida a 18 de maio, estavam presentes o cardeal Giuseppe Bertello, presidente do Governatorato do Estado da Cidade do Vaticano, o ministro da Cultura português Luís Filipe Mendes, os diretores dos Museus do Vaticano e do museu da cidade lusitana, Jatta e Pimentel, e os organizadores Alessandra Rodolfo — da repartição de Tapeçaria e Tecidos dos Museus do Vaticano — e José Alberto Seabra Carvalho, vice-diretor do Museu de arte antiga.

«A exposição — explica o cardeal Bertello no texto que introduz o catálogo — nasce em estreita ligação com a peregrinação do Papa ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, à qual a 13 de maio de 2013 o cardeal patriarca de Lisboa, José da Cruz Policarpo, consagrou o pontificado de Francisco para que fosse protegido “nas difíceis horas de sofrimento, de maneira a poder superar, na caridade, as provações que a renovação da Igreja lhe apresentar”».

Os Museus do Vaticano quiseram participar e contribuir para o aniversário e para a sua forte mensagem espiritual «apresentando — prossegue o cardeal — pela primeira vez em terras portuguesas, país latino de antiga tradição católica, um abundante e precioso conjunto de imagens marianas. O fulcro da peregrina-

ção centrada em Maria e no seu Coração Imaculado é o mesmo da exposição, entendida como percurso de fé e arte, homenagem à Virgem Maria, Mãe de Deus e de todos nós, invocada, através de pinturas, desenhos, tecidos e esculturas nas suas diversas declinações iconográficas e em vários períodos histórico-artísticos». O lema da viagem papal «Com Maria, peregrino na esperança e na paz» será o vade-mécum do visitador.

Não faltam obras célebres, explica Barbara Jatta no seu texto introdutório, «como Nossa Senhora do “*Davanzale*” de Pinturicchio, à dulcíssima *Nossa Senhora de Ghirlandaio*, mas também do divino Rafael, do qual se expõe a predela do retábulo Oddi com os três episódios da vida da Virgem. E conduz sempre ao génio de Urbino o precioso e imponente tapete da *Coroação da Virgem*, obra de peritos tecelões flamengos dos primeiros trinta anos do século XVI. O caminho leva depois a Francisco Salviati, Federico Barocci e, do século XVII, a Grechetto, Daniel Seghers e a *Nossa Senhora com o Menino* do afetado Sassoferrato. Cruza o sofrimento da mãe de Jesus na *Deposição da Cruz* do napolitano Sebastiano Conca e não esquece outras tipologias iconográficas marianas, com as obras de Pompeo Batoni, Giuseppe Maria Crespi e Francesco Mancini».

Único representante do século XX é Marc Chagall, selecionado pela sua arte poética e onírica. Ao longo dos séculos a representação artística da Virgem foi enriquecida e aprofundada pela reflexão teológica sobre Maria, que lhe conferiu novos significados. «As diversas representações expostas — escreve a organizadora Alessandra Rodolfo no ensaio que introduz o catálogo — reconduzem às várias etapas da vida da Virgem que, filha de David, aguardou a vinda do Messias, que cheia de Graça concebeu o Filho primeiro no coração e depois na carne, como dizem os Padres, a qual, criatura humana, viveu na fé o mistério de Deus feito homem na terra para cumprir a vontade do Pai e sempre na fé aguardou a sua vinda na glória. No final da

sua existência terrena os céus abriram-se para ela e o Filho elevou-a consigo junto do Pai. Desta maneira, na vida da Virgem Mãe, encontra-se admiravelmente resumido e já completado todo o caminho de regresso ao Pai da humanidade».

Uma homenagem àquela que Dante contempla nos esplendores do Paraíso como «beleza, porque havia júbilo nos olhos de todos os outros santos». É um percurso que pode tornar-se caminho de oração e meditação. «Observar os quadros um após outro — prossegue Rodolfo — é um pouco como caminhar nas salas da Pinacoteca».

Dos testemunhos artísticos dos primeiros cristãos na frente e no fragmento de sarcófago o percurso desenrola-se e imerge-se em preciosos testemunhos da arte medieval com as tábuas vivazes que representam episódios da vida da Virgem da escola de Sena, as quais ilustram com briosidade a primeira ação da vida de Maria: a natividade, a apresentação no templo, as bodas e a visitação. Os mesmos episódios são interpretados no século XV por outro artista da mesma cidade, pintor e miniaturista, Sano de Pietro. O tema da assunção é tratado pelo delicado fragmento de flecha de um mais amplo políptico pela mão do toscano Silvestre dos Gherarducci e pela tábua, *pendant* do trânsito da Virgem, do senense Taddeo de Bartolo.

Ao contrário, reconduz ao requintado ambiente do gótico internacional a *Anunciação* pintada no âmbito da oficina do culto pintor Gentile de Fabriano enquanto que sobressaem com elegância, num fundo dourado, a *Crucificação*, parte de um tríptico feito pelo senense Lippo Memmi e a *Nossa Senhora da Humildade*, de Sassetta. Realçamos também uma «rara e curiosa pequena tábua atribuída a Niccolò de Tommaso — continua Rodolfo — com a *Visão da Natividade* da mística Brígida», memória da visão que a Santa teve diante da gruta da basílica da Natividade por ocasião da sua peregrinação a Belém em agosto de 1372. Marco Palmezzano, pintor de Forlì e da Romanha, mestre de perspetiva, no primeiro

decénio do século XVI, abandona o fundo de ouro e pinta a Sagrada Família com Santa Isabel e São Joãozinho diante de um cenário apenínico e pré-apanínico que narra a «sua» paisagem feita de colinas das quais sobressaem fortalezas, cidadelas, torres de sentinela, pequenos burgos em tonalidades cinzentas e azuis.

No século de ouro do Renascimento os dois maiores artistas de todos os tempos representam Maria; um deles é Miguel Ângelo, presente com um decalque da famosa *Pietà* da basílica de São Pedro, com a jovem mãe dolorosa que acolhe no seu regaço o corpo exangue do filho, o outro é Rafael que ilustra na predela do retábulo Oddi três episódios de vida da Virgem, três gemas preciosas na produção do «pintor divino».

Propõe uma iconografia rara a pintura de um mestre italo-cretese na *Contemplação dos Mistérios* do Rosário, feliz contaminação entre pensamento ocidental e oriental com a representação das tradicionais etapas da oração mariana que depois serão ampliadas por João Paulo II com o acréscimo dos Mistérios da Luz.

Compete ao painel do maneirista toscano Francisco Salviati uma imagem simbólica da Coroação da Virgem declinada em tonalidades escuras, sendo que o episódio do *Repouso durante a fuga para o Egito* é ilustrado com graça numa gama de cores, ao mesmo tempo ténues e brilhantes, por Federico Barocci de Urbino. No universo das artes menores a imagem de Maria aparece nos fragmentos de tecido com a *Anunciação* e a *Natividade* provenientes de tempos antigos (séculos VIII-IX) e do longínquo Oriente, como no pequeno tapete com função de retábulo de altar proveniente do famoso atelier flamengo de Pieter Van Aelst, tecedor das mais célebres tapeçarias de Rafael. E reconduz ainda a Rafael a preciosa e imponente tapeçaria quinhentista da *Coroação da Virgem*.

«Por fim — conclui Rodolfo — último, mas primeiro na ideia da exposição dedicada a Maria realizada por ocasião do aniversário de Nossa Senhora de Fátima, a *Visão de Francisco de Assis*, de Pietro de Crotona concebido como homenagem ao Papa Francisco, cujo pontificado foi consagrado a 13 de maio de 2013 pelo cardeal patriarca de Lisboa precisamente a Nossa Senhora de Fátima. E foi ainda a Ela, Mãe de Deus, Virgem Imaculada, que cinco meses mais tarde o Papa Francisco consagrou o mundo inteiro». Podem-se ver também outras homenagens ao Papa, menos explícitas mas sempre historicamente fundadas: «A *grinalda de flores* com *Nossa Senhora e o Menino*, de Daniel Seghers e Erasmo Quellinus II, de proveniência jesuítica — explica a organizadora — recorda-nos que o culto a Maria era deveras uma prioridade para a Ordem, cujo fundador, Santo Inácio de Loyola, trazia ao peito uma imagem de Nossa Senhora das Dores aos pés da Cruz».

À Federação europeia das associações familiares católicas

## Fermento para um mundo mais humano

«A Europa continue a ter como seu tesouro mais precioso a família»: eis os votos formulados pelo Papa durante o encontro que teve lugar na manhã de 1 de junho na sala Clementina com os participantes no encontro promovido pela Federação europeia das associações familiares católicas (Fafce). Após a saudação que lhe foi dirigida pelo presidente, Antoine Renard, o Sumo Pontífice proferiu o seguinte discurso.

Estimados irmãos e irmãs!

Amadas famílias pertencentes a esta Federação, da qual celebrais o vigésimo aniversário: saúdo-vos com carinho e agradeço ao Presidente Antoine Renard as suas amáveis palavras.

Vinte anos são poucos para traçar um balanço, mas é certamente um tempo propício para dar graças ao Senhor pela vitalidade e pelo entusiasmo do trabalho que levais a cabo no vosso esforço quotidiano. Esta realidade associativa, “joven” no espírito e na sua história, é chamada a contagiar outras no serviço em prol das famílias, para que a Europa continue a ter como seu tesouro mais precioso a família. A imagem do “tesouro” esteve presente no encontro de ontem, que vos congregou em Roma, famílias de muitos países da Europa. É uma imagem que reflete muito bem a estima que todos nós devemos ter pela família. Com efeito, as famílias não são peças de museu, mas é através delas que se concretiza o dom, no compromisso recíproco e na abertura generosa aos filhos, assim como no serviço à sociedade. Deste modo, as famílias são como o fermento que ajuda a fazer crescer um mundo mais humano e mais fraterno, onde ninguém se sinta rejeitado nem abandonado.

A vossa atividade multiforme resume-se no serviço integral à família, célula fundamental da sociedade, como recordei recentemente inclusive às Autoridades da União Europeia, por ocasião do 60º aniversário dos Tratados de Roma. A primeira vista o vosso trabalho, tanto no setor eclesial como no campo civil, poderia

dar a impressão de responder a diferentes e variadas exigências. Mas na realidade responde ao serviço daquela boa notícia que é a família. Na *Amoris laetitia* eu quis salientar que a partir da família podemos tornar concreto o dom através da beleza e da alegria do amor recíproco. Desta perspectiva, a vossa atividade deveria ser aquela exortação que recorda a todos que não existe melhor aliado para o progresso integral da sociedade do que favorecer a presença de famílias no tecido social. Com efeito, permanece atual o facto de que a família é a base da sociedade e continua a ser a estrutura mais adequada para assegurar às pessoas o bem integral necessário para o seu desenvolvimento permanente. Desejei frisar que a unidade de todos os membros da família e o seu empenho solidário em toda a sociedade são aliados do bem comum e da paz, inclusive na Europa.

A família é a relação interpessoal por excelência, pois é uma comunidade de pessoas. Conjugalidade, paternidade, maternidade, filiação e fraternidade tornam possível que cada pessoa seja introduzida na família humana. O modo de viver estas relações é ditado pela comunhão, motor da verdadeira humanização e da evangelização. Por isso, hoje mais do que nunca, vê-se que é necessária uma cultura do encontro, na qual se valoriza a unidade na diferença, na reciprocidade e na solidariedade entre as gerações. Este “capital familiar” é chamado a impregnar as relações económicas, sociais e políticas do Continente europeu. O estilo familiar que vos propoñes difundir não está sujeito a qualquer ideologia contingente, mas fundamenta-se na dignidade inviolável da pessoa. E é com base nesta dignidade que a Europa poderá ser realmente uma família de povos (cf. *Discurso no Parlamento europeu*, Estrasburgo, 25 de novembro de 2014).

Na Europa surgem crises de diferentes tipos, inclusive na instituição familiar. Mas as crises são um estímulo para trabalhar mais e melhor,

com confiança e esperança.

Conheço as vossas iniciativas para promover políticas concretas a favor da família nos campos da economia e do trabalho, mas não só, que visam a busca de um emprego digno e adequado para todos, especialmente para os jovens que, em muitas regiões da Europa, sofrem devido ao flagelo do desemprego. Nestas iniciativas, assim como noutras que se referem diretamente ao campo legislativo, deve predominar sempre a atenção ao respeito e à dignidade de cada pessoa. Neste sentido, na cultura do encontro há sempre uma atitude de diálogo em que a escuta é continuamente necessária. O vosso diálogo esteja sempre assente em factos, testemunhos, experiências e estilos de vida que falem melhor do que os vossos discursos e iniciativas. Isto é imprescindível para o papel de primeiro plano a o qual o meu predecessor São João Paulo II chamava as famílias (cf. *Familiaris consortio*, 44).

Neste momento a Europa atravessa principalmente quatro crises: da demografia – “o inverno demográfico” – da migração, do trabalho e da educação. Estas crises poderiam achar horizontes positivos exatamente na cultura do encontro, onde diferentes agentes sociais, económicos e políticos se unem para definir políticas a favor da família. Neste quatro campos já vos esforçais em vista de propor respostas à medida da família, vendo nela um recurso e uma aliada para a pessoa e para o seu ambiente. Neste sentido, a vossa tarefa consistirá muitas vezes em suscitar um diálogo construtivo com os vários protagonistas do cenário social, sem esconder a vossa identidade cristã; ao contrário, esta identidade de levar-vos-á a ver sempre além da aparência e do instante. Como justamente evidenciastes, a cultura do



instante exige uma educação para o amanhã.

Para desempenhar esta tarefa exigente, a família não pode permanecer isolada como uma mônade, mas tem necessidade de sair de si mesma, deve dialogar e encontrar-se com os outros para dar vida a uma unidade que não seja uniformidade e que gere progresso e bem comum.

Amadas famílias, recebestes muito dos vossos antepassados. Eles constituem a memória permanente que nos deve impelir a recorrer à sabedoria do coração e não apenas à técnica na criação de iniciativas sobre a família e em prol da família. Eles são a memória, e as jovens gerações são a responsabilidade que está diante de vós. Com esta sabedoria, por exemplo, o vosso serviço à sacralidade da vida concretiza-se na aliança entre as gerações; realiza-se no serviço a todos, de maneira especial aos mais necessitados, às pessoas portadoras de deficiência e aos órfãos; realiza-se na solidariedade para com os migrantes; concretiza-se na arte paciente de educar, que considera cada jovem um sujeito digno de todo o amor familiar; realiza-se no direito à vida do nascituro que ainda não tem voz; e concretiza-se em condições de vida dignas para os idosos.

O trabalho a levar a cabo é imenso e complexo. Por isso, somente fortalecendo a vossa associação e convidando outras famílias a unir-se a vós, a tarefa será menos cansativa, porque a união faz a força. Devereis ser frequentemente o fermento que ensina os outros a trabalhar em conjunto, respeitando as legítimas diferenças e particularidades.

Enfim, encorajo-vos a desenvolver com criatividade novos métodos e recursos, a fim de que a família possa exercer, quer no âmbito eclesial quer no setor civil, a tríplice tarefa de ajuda às novas gerações, de acompanhamento pelos caminhos da vida muitas vezes acidentados e de guia que indique referências de valor e de significado na vereda de todos os dias. Esta tríplice missão pode ser uma contribuição específica que a vossa Federação, mediante o seu serviço quotidiano, oferece às famílias na Europa.

Abençoo-vos e acompanho-vos com a minha prece, por intercessão da Sagrada Família de Nazaré. E peço-vos, por favor, que também vós não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

## O mistério da identidade divina

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7

limites e as nossas faltas, para perdoar os nossos erros, para nos reconduzir pela via da justiça e da verdade. Esta revelação de Deus chegou ao seu cumprimento no Novo Testamento graças à palavra de Cristo e à sua missão de salvação. Jesus manifestou-nos o rosto de Deus, Uno na substância e Trino nas pessoas; Deus é tudo e só Amor, numa relação subsistente que tudo cria, redime e santifica: Pai e Filho e Espírito Santo.

E o Evangelho de hoje «chama em questão» Nicodemos, o qual, mesmo ocupando um lugar impor-

tante na comunidade religiosa e civil da época, não deixou de procurar Deus. Não pensou: «Estou realizado», não deixou de procurar Deus; e agora ouviu o eco da sua voz em Jesus. No diálogo noturno com o Nazareno, Nicodemos compreende finalmente que *já* foi procurado e esperado por Deus, que é amado pessoalmente por Ele. Deus procura-nos sempre primeiro, aguarda-nos primeiro, ama-nos primeiro. É como a flor da amendoeira; o Profeta diz: «Floresce primeiro» (cf. *Jr* 1, 11-12). Com efeito, assim fala Jesus: «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele

que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna» (*Jó* 3, 16). O que é esta vida eterna? É o amor desmedido e gratuito do Pai que Jesus doou na cruz, oferecendo a sua vida pela nossa salvação. E este amor com a ação do Espírito Santo irradiou uma luz nova sobre a terra em cada coração humano que o acolhe; uma luz que revela os ângulos obscuros, as dificuldades que nos impedem de levar os frutos da caridade e da misericórdia.

Nos ajude a Virgem Maria a entrar cada vez mais, totalmente, na Comunhão trinitária, para viver e testemunhar o amor que dá sentido à nossa existência.

No pontificado de Francisco

## O vento de Aparecida

DIEGO FARES

Dissipou-se no mundo aquela atmosfera otimista que se tinha desenvolvido no período pós-guerra, que conferia ao «centro» a certeza de chegar ao futuro e à «periferia» a impaciência diante das dificuldades de o alcançar. Hoje estamos diante de um mundo mais severo (é suficiente pensar nos muros construídos para afastar os imigrantes) e mais cético em relação aos projetos inclusivos e a longo prazo. É no entanto na Igreja sopra um vento diferente, respira-se um ar fresco e renovado. É importante observar que este ar fresco que o Papa Francisco trouxe não é algo improvisado nem exclusivamente seu. Houve um precedente em Aparecida, onde a modalidade do trabalho sinodal fomentado pelo cardeal Bergoglio, então presidente da Comissão de redação do Docu-

que as considere como sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinária» (cf. n. 32).

Se pensarmos que grandioso evento foi o Concílio Vaticano II, constatamos que cinquenta anos mais tarde ainda procuramos colocar em prática muitas das inspirações que o Espírito infundiu nos padres conciliares. Os frutos de Aparecida – uma Conferência subcontinental importante, mas relativamente pequena – propagaram-se à Igreja universal e muito além das suas fronteiras, graças ao impulso que o Papa Francisco deu a uma evangelização que faz do povo de Deus, no seu conjunto, «discípulo missionário», segundo o desejo do Vaticano II. Esta evangelização realiza-se «num eflúvio de gratidão e de alegria», com um olhar espiritual que sabe discernir uma única crise – ecológica e social: a boa notícia do destino universal dos bens e da ecologia – e uma cristologia encarnada que sabe ver Cristo nos pobres.

Durante a Conferência, cada jornada começava com a Eucaristia matutina concelebrada, na qual participava uma multidão de fiéis presentes no santuário. Quando, no dia 16 de maio, o cardeal Bergoglio concluiu a sua homilia em espanhol, foi aplaudido por toda a assembleia. O aplauso – que nunca se tinha verificado antes e que também não se repetiu nas homilias sucessivas – despertou em muitos a consciência de que se dissera algo de importante e que o povo fiel de Deus o compreendera.

O que disse de especial aquele cardeal argentino, eleito um dia antes para presidir à Comissão de redação, que devia desempenhar a difícil tarefa de traduzir num Documento tudo o que fosse debatido e decidido em Aparecida? Naquela «homilia aplaudida» que o cardeal Bergoglio escreveu de manhã cedo, podemos descobrir de modo surpreendente a fonte remota do seu pontificado. O que suscitou aquele

### Dez anos depois

Um acontecimento eclesial que se revelou determinante não apenas para a vida do Continente, mas também da Igreja universal. Deste modo, dez anos depois da sua celebração (11-31 de maio de 2017), a quinta Conferência geral do episcopado latino-americano e do Caribe – que teve lugar precisamente na cidade brasileira de Aparecida – foi recordada com um artigo que saiu na revista «Civiltà Cattolica», do qual publicamos uma sinopse, evidenciando a continuidade ideal daquele evento eclesial com o magistério do Papa Francisco.

mento final, suscitou na assembleia a maturidade humilde de um consenso compacto.

Aparecida foi um verdadeiro acontecimento eclesial. E dizemo-lo para pôr em evidência a experiência de que em Aparecida a realidade foi «superior à ideia»: a realidade deste evento foi superior às ideias que aí foram debatidas, votadas, escritas e corrigidas durante a Conferência e, sucessivamente, na versão final aprovada pela Santa Sé. Não obstante permaneça aberto o tema do valor teológico e jurídico das Conferências episcopais, é inegável que na América Latina elas sempre tiveram aquela que poderíamos definir «autoridade pastoral». Assim que eram publicados, fiéis, sacerdotes e bispos trabalhavam nos documentos. A partir dos meados do século passado, as Conferências marcaram etapas de consciência e deram novos passos em frente, ao longo do caminho do povo de Deus na América Latina e no Caribe. Em seguida, com a eleição do Papa Francisco, a quinta Conferência de Aparecida adquiriu uma dimensão não apenas continental, mas diria na Exortação apostólica *Evangelii gaudium* o Papa Francisco deu um renovado impulso às Conferências, retomando a visão do Concílio Vaticano II e desejando que seja «explicitado suficientemente um estatuto das conferências episcopais,



aplausos foi um trecho que no entanto permaneceu suspenso, porque o cardeal fez uma pausa para descrever a meiga imagem de São Turbívio de Mongrovejo, que morreu em 1606 depois de 22 anos de episcopado, dos quais 18 passaram a percorrer a sua imensa diocese, enquanto um índio tocava a sua flauta tradicional, a fim de que a alma do seu pastor descansasse em paz. O trecho em questão rezava assim: «Com efeito, não queremos ser uma Igreja autorreferencial, mas missionária; não queremos ser uma Igreja gnóstica, mas sim uma Igreja que adora e reza. Nós, povo e pastores que constituem este santo povo fiel de Deus, que encontra a infalibilidade na fé, juntamente com o Papa, nós povo e pastores falamos com base naquilo que o Espírito nos inspira, e oramos juntos e construímos a Igreja juntos, ou melhor, somos instrumentos do Espírito que a edifica».

Podemos imaginar uma ponte que une idealmente esta homilia com o conceito expresso pelo Vaticano II sobre o povo fiel de Deus e com a primeira saudação do Papa Francisco quando, inclinando a cabeça, pediu a bênção ao povo fiel, depois de ter dito: «É agora, encetemos este caminho: bispo e povo». Esta ponte estende-se à sua primeira missa com os cardeais, na qual falou em «caminhar» e «edificar», e continua a ampliar-se cada vez que o Espírito impele o Papa Francisco – como ou-

tra impulsou São Turbívio – a ir às periferias e a dialogar com todos.

Alguns dias antes, durante a missa inaugural, também o Papa Bento XVI tinha recordado o Espírito com uma expressão original, tirada dos Atos dos Apóstolos: «O Espírito Santo e nós». Bento XVI afirmou que cada cultura autêntica permanece aberta, não fechada; que o Evangelho – por mais que possa ser ofuscado por instrumentalizações de vários tipos – jamais aliena; e que as populações originárias que sobreviveram tiveram a sabedoria e a grandiosidade de conseguir inculturar o Evangelho no exato momento em que rejeitavam – e continuam a fazê-lo – tudo aquilo que significava imposição de estruturas antievangélicas. Trata-se de afirmações que permitem pensar na realidade histórica e atual do subcontinente sem cair em ideologias.

Bento XVI chegou a afirmar – no contexto da questão sobre a realidade que inclui Deus e sobre a cultura do encontro – que «a opção preferencial pelos pobres é implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9)». O Documento de Aparecida desenvolveu o ponto 8.3 exatamente com base na seguinte frase de Bento XVI: «Esta opção nasce da nossa fé em Jesus Cristo, Deus feito Homem, que se tornou nosso Irmão (cf. Hb 2, 11-12). No entanto, ela não é exclusiva nem excludente. Se esta opção é implícita na fé cristológica, todos nós cristãos, enquanto discípulos e missionários, somos chamados a contemplar, no rosto sofrido dos nossos irmãos, a Face de Cristo que nos chama a servi-lo neles: «O semblante sofrido dos pobres é a Face sofredora do Senhor». Não há necessidade de apresentar muitos exemplos para mostrar a clara opção preferencial pelos pobres, corroborada pelo Papa Francisco. Contudo, é bom recordar que esta opção é cristológica, como insistia Bento XVI. Cada vez que fala dos pobres, o Papa Francisco faz cristologia. Uma cristologia de tipo mais elevado e encarnado, pois quem não professa Cristo que se fez carne não vem do Espírito. A essência do cristianismo é o sentido do pobre, como já afirmava Santo Alberto Hurtado.

### Um site web para o sínodo sobre os jovens

Está ativo a partir de 14 de junho o site web (<http://youth.synod2018.va>) criado pela Secretaria geral do Sínodo dos bispos em preparação para a décima quinta assembleia geral ordinária sobre o tema «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional» que será celebrado em outubro de 2018.

A iniciativa tem como objetivo favorecer uma participação mais ampla de todos os jovens do mundo, graças à possibilidade de receber informações sobre o evento sinodal mas também de interagir e participar no seu caminho de preparação.

Em particular, a Secretaria dá a conhecer que o site inclui um questionário online que se dirige diretamente às novas gerações em diversas línguas (italiano, inglês, francês, espanhol e português). As respostas – que deverão ser recebidas até 30 de novembro próximo – serão de grande utilidade no caminho de preparação do evento sinodal e farão parte da ampla consulta que a Secretaria está a realizar a todos os níveis do povo de Deus.

À presidente do Parlamento latino-americano e caribenho

## Responder ao grito dos refugiados

*Publicamos a seguir a tradução da mensagem enviada pelo Papa à presidente do Parlamento latino-americano e caribenho (Parlatino), Blanca Alcalá, por ocasião dos trabalhos da trigésima sexta assembleia geral, realizada nos dias 9 e 10 de junho no Panamá.*



À Senhora BLANCA ALCALÁ  
Presidente do Parlamento  
Latino-Americano e Caribenho

Estimada no Senhor!

Por ocasião do foro «Diálogo Parlamentar de Alto Nível sobre Migrações na América Latina e no Caribe: Realidades e Compromissos em vista do Pacto Mundial», saúdo-a na qualidade de Presidente e, além disso, todos os participantes neste evento. Congratulo-me com a Senhora por esta iniciativa que tem como objetivo ajudar e tornar mais digna a vida daqueles que, mesmo tendo uma pátria, choram por não encontrarem no próprio país condições adequadas de segurança e de subsistência, vendendo-se obrigados a emigrar para outros lugares.

Do título do vosso encontro gostaria de evidenciar três palavras, que convidam à reflexão e ao trabalho: *realidade, diálogo e compromisso*.

Em primeiro lugar, a *realidade*. É importante conhecer o porquê da migração e quais características apresenta o nosso continente. Isto requer que se analise não só esta situação na «mesa de estudo», mas também que se entre em contacto com as pessoas, ou seja, com rostos concretos. Por detrás de cada migrante há um ser humano com a sua história,

com uma cultura e ideais. Uma análise asséptica produz medidas esterilizadas; ao contrário, a relação com a pessoa em carne e osso ajuda-nos a apercebermo-nos das profundas cicatrizes que traz consigo, causadas contudo e apesar de tudo pela sua migração. Este encontro ajudará a dar respostas concretas a favor dos emigrantes e dos países de acolhimento, e ao mesmo tempo contribuirá para fazer com que os acordos e as medidas de segurança sejam examinadas a partir da experiência direta, observando se coincidem ou não com a realidade. Como membros de uma grande família, devemos trabalhar para pôr no centro «a pessoa» (cf. *Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé*, 9 de janeiro de 2017); ela não é um mero número nem sequer uma entidade abstrata, mas um irmão ou uma irmã que precisa de sentir a nossa ajuda e de uma mão amiga.

Neste trabalho é indispensável o diálogo. Não se pode trabalhar de maneira isolada; todos precisamos uns dos outros. Devemos ser «capazes de passar de uma cultura do descarte para uma cultura do encontro e do acolhimento» (*Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, 2014). É necessária a colaboração conjunta para elaborar estratégias eficientes e equitativas no acolhimento dos refugiados. Obter um consenso entre as partes é um trabalho «artesanal», minucioso, quase imperceptível, mas essencial para dar gradualmente forma aos acordos e às normas. Devem-se oferecer todos os elementos aos governos locais, assim como à Comunidade internacional, a fim de elaborar os melhores acordos para o bem de muitos, sobretudo de quantos sofrem nas zonas mais vulneráveis do nosso planeta, assim como nalgumas áreas da América Latina e do Caribe. O diálogo é fundamental para promover a solidariedade de quantos foram privados dos direitos fundamentais, bem como para incrementar a disponibilidade para acolher quantos fogem de situações dramáticas ou desumanas.

Para dar uma resposta às necessidades dos emigrantes é necessário o

compromisso de todas as partes. Não nos podemos deter na análise meticolosa e no debate sobre as ideias, mas somos solicitados a encontrar uma solução para esta problemática. A América Latina e o Caribe desempenham um papel internacional importante e têm a oportunidade de ser os protagonistas principais diante desta situação complexa. Neste compromisso «ocorre estabelecer projetos a médio e longo prazo que superem a resposta de emergência» (*Discurso ao Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé*, 11 de janeiro de 2016). Eles servem para estabelecer a prioridade na região, até com uma visão de futuro, como a integração dos emigrantes nos países que os recebem e a ajuda ao desenvolvimento dos países de origem. A eles acrescentam-se muitas outras ações que são urgentes, como a atenção aos menores: «Todos os menores... têm o direito de brincar... em síntese, têm o direito de ser crianças» (*Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, 2017). Precisam da nossa solicitude e da nossa ajuda, e também as suas famílias. A este propósito, renovo o meu apelo a pôr fim ao tráfico de pessoas, que constitui uma chaga. Os seres humanos não podem ser tratados como objetos, nem sequer como mercadorias, pois têm em si a imagem de Deus (cf. Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, nn. 197-201).

O trabalho é grande e são necessários homens e mulheres de boa vontade que, com o seu compromisso concreto, respondam a este «gri-



to», que se eleva do coração do migrante. Não podemos fechar os nossos ouvidos ao seu apelo. Exorto os Governos nacionais a assumir as próprias responsabilidades em relação a quantos residem no seu território; e renovo o compromisso da Igreja católica, através da presença das Igrejas locais e regionais, a responder a esta ferida que tantos irmãos e irmãs nossos trazem consigo.

Por fim, encorajo-vos na tarefa que desempenhais e peço a intercessão da Virgem Santa. Ela, que viveu a emigração fugindo para o Egito com o seu esposo e o seu filho Jesus (cf. *Mt* 2, 13), vos guarde e ampare com a sua ajuda materna.

Por favor, peço-vos que recezeis por mim; e peço ao Senhor que vos abençoe.

Vaticano, 7 de junho de 2017

FRANCISCO

## Edição de L'Osservatore Romano no Panamá

Um minuto de silêncio para invocar a paz no mundo. Era aproximadamente 17h00 da tarde – o momento no qual em vários países se renovou o encontro de oração para recordar a reunião entre o Papa e os presidentes israelita e palestino – quando o arcebispo José Domingo Ulloa Mendieta, convidando os presentes a rezar, deu início à apresentação da edição semanal panamense de L'Osservatore Romano.

O evento teve lugar a 8 de junho na sede de «Rome Reports», na presença de numerosos jornalistas. O arcebispo do Panamá explicou que a nova edição se destina a todos, mas em particular aos jovens, em vista da Jornada mundial da juventude, prevista para o ano de 2019. O prelado ressaltou que a América Central é uma unidade, com uma única Igreja irrigada pelo sangue dos mártires, de modo especial pelo sangue do beato Óscar Arnulfo Romero. O semanário de L'Osservatore Romano – acrescentou o arcebispo – servirá para dar a conhecer e aproximar muitas pessoas ao magistério do Santo Padre. Successivamente, o diretor do jornal recordou que esta nova edição se insere entre aquelas que já são impressas na América Latina (Argentina, México e Peru), e confirma o compromisso em prol de uma maior divulgação da palavra do Sumo Pontífice. Fez-lhe eco a embaixadora do Panamá junto da Santa Sé, Míroslava Rosas Vargas, que agradeceu a quantos tornaram possível esta iniciativa editorial. É o responsável de «Rome Reports», Antonio Oliví, recordou que este projeto editorial é coerente com a finalidade do jornal, de oferecer aprofundamentos e reflexões sobre a mensagem do Papa, de maneira a acompanhar as imagens que a televisão, os vídeos e as fotografias já transmitem ao mundo inteiro.

Entre as personalidades que entrevistaram, o cardeal panamense José Luís Lacunza Maestrojuán, juntamente com os bispos do país, presentes em Roma para a tradicional visita quinzenal *ad limina Apostolorum*; o cardeal eleito Gregório Rosa Chávez, auxiliar de San Salvador; o secretário encarregado da vice-presidência da Pontifícia comissão para a América Latina, Guzmán Carriquiry Lecour; o embaixador de Honduras junto da Santa Sé, Carlos Ávila Molina; o embaixador da Guatemala junto da Santa Sé, Alfredo Vásquez Rivera; e o adido da embaixada da Nicarágua, Marvin Alberto Padilla. Além disso, estavam presentes Silvína Pérez, encarregada da edição em língua espanhola do nosso jornal; e Marcelo Figueroa, chefe da edição argentina de L'Osservatore Romano.

## Audiência à presidência da Conferência episcopal venezuelana



Na manhã de quinta-feira 8 de junho o Papa recebeu em audiência os membros da presidência da Conferência episcopal venezuelana

# INFORMAÇÕES

## Audiências

*O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:*

A 8 de junho

O Senhor Cardeal Carlos Aguir Retes, Arcebispo de Tlalnepantla (México); os seguintes Membros da Presidência da Conferência Episcopal da Venezuela: D. Diego Rafael Padrón Sánchez, Arcebispo de Cumaná, Presidente, D. José Luis Azuaje Ayala, Bispo de Barinas, Primeiro-Vice-Presidente, D. Mario del Valle Moronta Rodríguez, Bispo de San Cristóbal de Venezuela, Segundo Vice-Presidente, e D. Víctor Hugo Basabe, Bispo de San Felipe, Secretário-Geral.

Os Senhores Cardeais Jorge Liberato Urosa Savino, Arcebispo de Caracas (Venezuela); e Baltazar Enrique Porras Cardoso, Arcebispo de Mérida (Venezuela).

Uma Delegação da Diocese de Ahiara (Nigéria).

Os seguintes Prelados da Conferência Episcopal do Panamá, em visita «ad limina Apostolorum»: D. José Domingo Ulloa Mendieta, Arcebispo de Panamá, com os Auxiliares D. Pablo Varela Server, e D. Uriah Ashley; D. Rafael Valdivieso Miranda, Bispo de Chitré; D. Manuel Ochogavía Barahona, Bispo de Colón-Kuna Yala; o Senhor Cardeal José Luis Lacunza Maestrojuán, Bispo de David; D. Edgardo Cedeño Muñoz, Bispo de Penonomé; D. Audilio Aguilar Aguilar, Bispo de Santiago de Veraguas; D. Aníbal Saldaña Santamaria, Bispo Prelado de Bocas del Toro; e D. Pedro Joaquín Hernández Cantarero, Vigário Apostólico de Darién.

A 9 de junho

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; e D. Marcelo Daniel Colombo, Bispo de La Rioja (Argentina).

A 10 de junho

O Senhor Cardeal Leonardo Sandri, Prefeito da Congregação para as Igrejas Orientais.

## Renúncias

*O Santo Padre aceitou a renúncia:*

No dia 8 de junho

De D. Pablo Lizama Riquelme ao governo pastoral da Arquidiocese de Antofagasta (Chile).

No dia 9 de junho

De D. Alfredo Horacio Zecca, ao governo pastoral da Arquidiocese de Tucumán (Argentina), transferindo-o contemporaneamente para a Sede titular de Bolsena.

De D. Philip Boyce O.C.D., ao governo pastoral da Diocese de Raphoe (Irlanda).

No dia 10 de junho

Do Cardeal Roger Etchegaray ao cargo de Vice-Decano do Colégio Cardinalício.

## Nomeações

*O Sumo Pontífice nomeou:*

A 8 de junho

Arcebispo de Antofagasta (Chile), D. Ignacio Francisco Ducasse Medina, até à presente data Bispo de Valdivia.

A 9 de junho

Bispo de Raphoe (Irlanda), o Rev.<sup>do</sup> Pe. Alexander Aloysius (Alan) McGuckian S.I., até esta data Diretor do Living Church Office da Diocese de Down and Connor.

*D. Alexander Aloysius (Alan) McGuckian S.I., nasceu em Ballymena (Irlanda), no dia 26 de fevereiro de 1953. Foi ordenado Sacerdote a 22 de junho de 1984.*

A 10 de junho

Membro da Administração do Património da Sé Apostólica, o Senhor Cardeal Kevin Joseph Farrell, Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida.

Núncio Apostólico na Líbia, D. Alessandro D'Errico, até esta data Núncio Apostólico em Malta.

A 13 de junho

Núncio Apostólico na Dinamarca, D. James Patrick Green, até hoje Núncio Apostólico na Suécia e na Islândia.

Arcebispo Metropolitano de Indianapolis (EUA), D. Charles C. Thompson, até agora Bispo de Evansville.

Membros Ordinários da Pontifícia Academia para a Vida: Etsuko Akiba, Docente de Direito na Faculdade de Economia da Universidade de Toyama (Japão); Prof. Carl Albert Anderson, Supremo Cavaleiro dos Cavaleiros de Colombo, Docente e Vice-Diretor do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimónio e Família na Seção dos Estados Unidos da América, Washington (EUA); Niggel Biggar, Docente de Moral e de Teologia Pastoral e Diretor do McDonald Center for Theology, Ethics and Public Life, na Universidade de Oxford (Grã-Bretanha); Mons. Alberto Germán Bochaty, Bispo Auxiliar de La Plata, Professor de Bioética e Vice-Chanceler da Universidade Católica de La Plata (Argentina); Pe. Maurizio Chiodi, Docente de Teologia Moral Fundamental no Instituto Superior de Ciências Religiosas em Bérghamo e na Faculdade Teológica da Itália Setentrional em Milão, Assistente do Centro de Voluntários do Sofrimento de Bérghamo (Itália); D. Fernando Natalio Chomalí Garib, Arcebispo de Concepción, Professor de Antropologia Teológica e de Bioética no Centro de Bioética da Pontifícia Universidade Católica de Santiago (Chile); Pe. Roberto Colombo, Professor de Neurobiologia e Genética Humana, Universidade Católica do Sagrado Coração, Milão, Diretor do Centro para o Estudo das Doenças Hereditárias Raras, Hospital Niguarda Ca' Granda, Milão (Itália); Francesco D'Agostino, Professor de Filosofia do Direito na

Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Tor Vergata em Roma; Presidente honorário do Comité Nacional para a Bioética; Presidente do Comité Ético Central da Região do Lácio (Itália); Prof. Bruno Dallapiccola, Diretor Científico do Hospital Pediátrico «Bambino Gesù» IRCCS em Roma, Membro do Comité Nacional para a Bioética CNB e do Grupo Misto CNB Comité Nacional Biosegurança, as Biotecnologias e as Ciências da Vida, Membro do Conselho Superior de Saúde (Itália); Jokin de Irala Estévez, Docente de Epidemiologia e Saúde Pública e Coordenador do Projeto Interdisciplinar Educação da Afetividade e Sexualidade Humana na Universidade de Navarra (Espanha); Cardeal Willem Jacobus Eijk, Arcebispo de Utrecht (Países Baixos); Prof. Abdel Messih Shehata Farag Mounir, Diretor do Instituto São José pró Vida e pró Família, Cairo (Egito); D. Anthony Colin Fisher, Arcebispo de Sidney, Professor de Bioética e Teologia Moral no John Paul II Institute for Marriage and Family in Melbourne (Austrália); D.<sup>ra</sup> Kathleen M. Foley, Neurologista, Diretora do Departamento de Neurologia no Memorial Sloan-Kettering Cancer Center e no The New York Hospital (EUA); Pe. Aníbal Gil Lopes, Professor de Fisiologia no Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil); Alicja Grzesz Kowiak, Docente emérita de Direito Penal na Universidade Católica de Lublin, Professora da Kujawsko Pomorska Szkoła Wyszła (Polónia); Dr. Rodrigo Guerra López, Professor de Filosofia e Presidente do Conselho Superior do Centro de Investigación Social Avanzada CISAV (México); Prof. John M. Haas, Presidente do National Catholic Bioethics Center em Filadélfia (EUA); Mohamed Haddad, Docente de Civilização Árabe e Religiões comparadas na Universidade de Carthage-Instituto Superior de Línguas na Tunísia (Tunísia); Ignatius John Keown, Professor de Ética Cristã na Georgetown University (EUA); Kostantinos Komarakis, Professor de Ética Cristã (Espiritualidade Ortodoxa) na Faculdade de Teologia da National and Kapodistrian University de Atenas (Grécia); Katarina Le Blanc, Professora da Divisão de Imunologia Clínica e Medicina da Transfusão do Karolinska Institutet de Estocolmo e Senior Consultant do Centro de Hematologia na Karolinska University Hospital Huddinge (Suécia); Alain F. G. Lejeune, Docente de Direito Farmacêutico e Deontologia na Universidade Católica de Louvain (Bélgica), Membro da Academia Nacional Francesa de Farmácia e Secretário da Comissão Ética; Jean Marie Le Méné, Docente, Fundador e Presidente da Fondation Jérôme Lejeune de Paris (França); Doutora Monica López Barahona, Diretora Académica Geral do Biosciences Studies Centre; Presidente da Delegação espanhola da Fundação Jérôme Lejeune; Diretora da Cátedra de Bioética Jérôme Lejeune, Madrid (Espanha); Prof. Ivan Luts, Diretor do Colégio Médico, Escola Médica de Lviv; Presidente da Associação dos Médicos Católicos (Ucrânia); Prof. Man-

fred Lütz, Diretor do Serviço Psiquiátrico do Hospital Alexanier Infirmary de Colónia (Alemanha); D. Daniel Nlandu Mayi, Bispo de Matadi, Presidente do Conselho de Administração do Serviço Diocesano da Educação para a Vida, Membro do Conselho de Administração da Universidade do Congo, Kinshasa (Rep. Dem. do Congo); Anne Marie Pelletier, Docente de Escritura Sagrada, Bíblia e Liturgia na École Cathédrale e no Studium de la Faculté Notre Dame do Seminário de Paris, Professora de Antropologia Filosófica e Bíblica no Studium Théologique Inter-monastères (França); Adriano Pessina, Docente de Filosofia Moral e Diretor do Centro do Ateneu de Bioética da Universidade Católica do Sagrado Coração em Milão (Itália); Mons. Luño Ángel Rodríguez, Professor de Teologia Moral Fundamental na Pontifícia Universidade da Santa Cruz em Roma (Itália); Alejandro César Serani Merlo, Professor e Pesquisador no Centro de Bioética e na Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Chile em Santiago (Chile); D. Noël Simard, Bispo de Valleyfield, Porta-Voz da Conferência Episcopal Canadense dos Bispos de língua francesa para as questões de Bioética relativas especialmente à eutanásia (Canadá); Pe. Jacques Koudoubi Simporé, M.I., Reitor da Universidade S. Tomás de Aquino e Diretor do Centro de Pesquisa Biomolecular Pietro Annigoni em Ougadougou (Burquina Faso); Prof. Avraham Steinberg, Diretor da Unidade de Ética da Medicina no Shaare Zedek Medical Center de Jerusalém, Diretor do Comité Editorial da Talmudic Encyclopedia (Israel); Jaroslav Šturma, Professor da Faculdade de Filosofia e Teologia Católica na Charles University de Praga, Diretor do Centro para o Desenvolvimento da Criança Sunbeam de Praga (República Checa); William F. Sullivan, Docente no Departamento de Medicina da Família e da Comunidade, Faculdade de Medicina da Universidade de Toronto, Presidente da Associação Internacional dos Bioeticistas Católicos (Canadá); Daniel Sulmasy, Docente de Bioética na Georgetown University (EUA); Prof. Fernando Szlajen, Rabino, Diretor do Departamento de Cultura AMIA, Professor da Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade de Buenos Aires (Argentina); Marie Jo Thiel, Docente de Teologia Católica e Diretora do Centre Européen d'Enseignement et de Recherche en Éthique CEERE na Universidade de Estrasburgo (França); Pe. Tomi Thomas, I.M.S., Diretor-Geral do Catholic Health Association of India CHAI (Índia); Prof. Angelo Vescovi, Diretor científico do IRCCS Casa Alívio do Sofrimento em San Giovanni Rotondo e do Instituto de Genética Humana G. Mendel em Roma (Itália); Prof. Alberto Villani, Diretor da Unidade Operativa Complexa de Pediatria Geral e Doenças Infecciosas no Hospital Pediátrico «Bambino Gesù» em Roma, Presidente da Sociedade Italiana de Pediatria (Itália); Prof. Shinya Yamanaka, Diretor e Professor do Centro de Pesquisa e

Homilia do cardeal Amato na beatificação de Itala Mela

## Santidade laical para a Itália

A Itália «tem necessidade da santidade laical em cada setor da sua múltipla realidade: na educação, na família, na comunicação social, na economia, no desporto, no mundo do trabalho, na política». E para confirmar que é um projeto possível, a Igreja beatificou uma jovem, Itala Mela, que foi capaz de viver esta missão. Portanto, a sua beatificação, realizada na manhã de sábado, 10 de junho, em La Spezia — onde nasceu em 1904 e faleceu em 1957 — é uma mensagem vigorosa de esperança para todo o país. Em nome do Papa, o rito foi presidido pelo cardeal Angelo Amato, prefeito da Congregação para as causas dos santos.

«Maria da Trindade era o nome da beata Itala Mela como oblata beneditina mas também o lema da sua santidade» afirmou o purpurado na homilia. Recordando que «para ela a inabituação trinitária era o centro e o fundamento da sua existência e da sua missão: depois da passagem do tenaz ateísmo adolescente para um abandono incondicional e perseverante a Deus, Itala enfrentou a subida ao monte da santidade, superan-

do todos os obstáculos psicológicos e espirituais».

A transformação, recordou, «ocorreu na festa da Imaculada de 1922 com a confissão geral e a comunhão, mesmo se nela permaneciam dúvidas e obscuridades». No mês de abril de 1923 «realizou-se a sua chegada ao porto da fé: Itala estava ciente de que não se tratava de um evento fortuito e passageiro, mas de uma consagração total ao chamado de Deus». A ponto de que o seu propósito foi «Senhor, seguir-te-ei até nas trevas, à custa de morrer». Teve início assim «uma existência de intensa vida espiritual, cadenciada pela missa diária e pela confissão semanal». E «lendo o seu intenso horário quotidiano de professora, note-se que ao tempo dado à oração e ao estudo, quando tomava o elétrico, ela acrescentava também o consagrado à leitura espiritual, três quartos de hora de manhã e meia hora no início da tarde».

Segundo o cardeal Amato, «na existência da beata Itala Mela, podemos distinguir três fases». A primeira «relativa à sua vida de jovem descontraída, nada interessada nos assuntos da Igreja». A sua era uma

«atitude de indiferença, de frieza e até de desprezo pelas realidades da Igreja, aprendida sobretudo do pai ateu convicto». Mas «o Senhor estava à porta do seu coração, batia e esperava», prosseguiu, e «assim na segunda fase da sua vida a beata parece encaminhar-se para uma longa peregrinação rumo à montanha de Deus». Matriculada na faculdade de letras da universidade de Génova, «sente cada vez mais viva a presença da graça e inicia assim um caminho de retorno à fé: abandona a aridez do deserto e entra no território sagrado da vida com Deus».

«Hospedada no pensionato das irmãs de Nossa Senhora da Purificação — recordou o purpurado — face aos convites das religiosas para participar da comunhão geral pela festa da Imaculada em 1922, no princípio Itala sente uma certa rebelião e quase uma repulsa». E «depois, para contentar as gentis religiosas e, sobretudo com uma certa curiosidade, confessou-se na Igreja dos capuchinhos: foi um encontro imprevisto com a graça que começou a fazer espaço na sua alma». Para Itala «foi um período de dúvidas e de elaboração interior que durou alguns meses». Mas «o Espírito Santo pouco a pouco estava a tirá-la da indiferença, infundindo-lhe um sentimento de serenidade na racionalidade da fé».

«A terceira fase — explicou o cardeal Amato — celebra o retorno convicto de Itala para a realidade do seu batismo, experimentando provas místicas e diálogos de amor com Jesus. A fé reencontrada permaneceu tenazmente colada como o ferro ao magnete. Deste modo, o Es-



Itala Mela (1904-1957)

pírito Santo restituía à sociedade e à Igreja uma jovem profundamente convertida não só à vida cristã mas principalmente à santidade». Depois de ter tentado entrar num mosteiro beneditino na Bélgica, «por motivos de saúde teve que renunciar a este propósito, mas não à firme vontade de subir às alturas primeiro ao Tabor da transfiguração e depois ao Calvário da crucificação». Mas «mesmo vivendo no mundo sentia-se atraída pela vida religiosa: com vinte e nove anos emitiu a profissão como oblata do mosteiro de São Paulo em Roma, com o nome de Maria da Trindade».

Com este nome, disse o purpurado, «pretendia doar-se totalmente a Deus caridade sem fim». E assim, além dos «votos clássicos de pobreza, castidade e obediência», emitiu também «os de vida eremita e de total abandono à divina providência». Numa palavra «Itala já não queria pertencer-se, desejava ser toda de Deus, como filha obediente do Pai, discípula fiel de Cristo, tabernáculo puro do Espírito Santo».

«A intensa caridade trinitária — prosseguiu o cardeal Amato — orientava-a para o próximo carente com delicadeza, doçura e ação». Além da oração e do conselho «Itala, apesar das suas condições económicas não florescentes, era generosa na beneficência, ajudando os indigentes com coletas de dinheiro, ofertas de roupas e alimentos, ajuda na solução de muitos problemas da vida diária. E tudo isto não obstante as dificuldades de uma saúde precária, que a levou prematuramente à morte».

Precisamente com o seu testemunho, insistiu o purpurado, «a beata Itala Mela lança-nos um apelo: a chamada universal à santidade é válida também para os fiéis leigos que, se viverem com autenticidade o próprio batismo, poderão tornar-se os protagonistas da nova evangelização». E «na nova beata a Igreja transmite uma mensagem de confiança na possibilidade do laicado de não viver plenamente só a santidade cristã, mas ser também artífice e protagonista da renovação cultural e espiritual da sociedade: o mundo precisa de leigos santos que fecundem a sociedade com os frutos preciosos da bondade, da fraternidade e da caridade».



Catedral de La Spezia

### INFORMAÇÕES

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 14

Aplicação das células estaminais na Universidade de Kyoto, Prémio Nobel de Medicina em 2012 (Japão); e René Zamora Marín, Diretor e Docente do Centro de Bioética Juan Pablo II (Cuba).

Membros ad honorem da Pontificia Academia para a Vida: Cardeal Carlo Caffarra, Arcebispo Emérito de Bolonha, ex-Diretor do Pontifício Instituto João Paulo II para Estudos sobre Matrimónio e Família (Itália); D. Ignacio Carrasco de Paula, Bispo Titular de Tapso, Presidente Emérito da Pontificia Academia para a Vida (Espanha); Sr<sup>a</sup>. Birthe Lejeune, Vice-Presidente da Fundação Jérôme Lejeune de Paris (França), esposa do primeiro Presidente da Pontificia Academia para a Vida, Servo de Deus Jérôme Lejeune; Cardeal Elio Sgreccia, Presidente Emérito da Pontificia Academia para a Vida (Cidade do Vaticano), Presidente da Federação Internacional dos Centros e Institutos

de Bioética de Inspiração Personalista, Presidente da Fundação Ut vitam Habeant; e Sr. Juan de Dios Vial Correa, Presidente Emérito da Pontificia Academia para a Vida e Magnífico Reitor Emérito da Pontificia Universidade Católica de Santiago (Chile).

A 14 de junho

Arcebispo Metropolitano de Londres (Brasil), D. Geremias Steinmetz, até à presente data Bispo de Paranavai.

Disposições especiais

O Papa aprovou:

No dia 10 de junho

A eleição — realizada pelos Senhores Cardeais da Ordem dos Bispos — do novo Vice-Decano do Colégio Cardinalício, na pessoa do Senhor Cardeal Giovanni Battista Re, do Título da Igreja suburbicária de Sabina Poggio Mirteto.

Prelados falecidos

*Adormeceram no Senhor:*

A 20 de maio

D. William Clifford Newman, Auxiliar Emérito da Arquidiocese de Baltimore (Estados Unidos da América).

*O venerando Prelado nasceu em Baltimore (Estados Unidos da América), a 16 de agosto de 1928. Foi ordenado Sacerdote a 29 de maio de 1954. Recebeu a Ordenação episcopal em 2 de julho de 1984.*

A 6 de junho

D. Andrew Francis, Bispo Emérito de Multan (Paquistão).

*O saudoso Prelado nasceu no dia 29 de novembro de 1946, na localidade de Adah (Paquistão). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 10 de janeiro de 1972. Foi ordenado Bispo em 26 de fevereiro de 2000.*

Na audiência geral o Papa explicou a gratuidade do verdadeiro amor

## Deus dá o primeiro passo

«O primeiro passo que Deus dá na nossa direção é de um amor antecipado e incondicional», recordou o Papa Francisco aos fiéis reunidos na quarta-feira 14 de junho, na praça de São Pedro, para a audiência geral. Prosseguindo as catequeses dedicadas à esperança, o Pontífice recordou que «Deus ama primeiro porque Ele mesmo é amor».

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje fazemos a audiência em dois lugares, mas unidos pelos ecrãs gigantes: os doentes, a fim de que não sofram muito o calor, estão na Sala Paulo VI, e nós aqui. Contudo, permanecemos juntos porque nos une o Espírito Santo, Aquele que constrói sempre a unidade. Saudemos os que estão na Sala!

Nenhum de nós pode viver sem amor. É uma terrível escravidão na qual podemos cair é considerar que o amor deve ser merecido. Talvez uma boa parte da angústia do homem contemporâneo deriva disto: acreditar que se não formos fortes, atraentes e bonitos, então ninguém se ocupará de nós. Muitas pessoas hoje só procuram a visibilidade para preencher o vazio interior: como se fôssemos pessoas eternamente necessitadas de confirmações. Contudo, podeis imaginar um mundo no qual todos mendigam motivos para chamar a atenção dos outros e, ao contrário, ninguém está disposto a amar gratuitamente outra pessoa? Imaginai um mundo assim: um mundo sem a gratuidade do querer bem! Parece um mundo humano, mas na realidade é um inferno.

Muitos narcisismos do homem nascem de um sentimento de solidão e de orfandade. Por detrás de tantos comportamentos aparentemente inexplicáveis esconde-se uma pergunta: é possível que eu não mereça ser chamado pelo nome, isto é, ser amado? Porque o amor chama sempre pelo nome...

Quando quem não é ou não se sente amado é um adolescente, então pode nascer a violência. Por detrás de muitas formas de ódio social e de brutalidade com frequência há um coração que não foi reconhecido. Não existem crianças más, assim como não existem adolescentes totalmente malvados, mas existem pessoas infelizes. O que nos pode tornar felizes, senão a experiência do amor dado e recebido? A vida do ser huma-

no é uma troca de olhares: alguém que ao olhar para nós conquista primeiro o nosso sorriso, e nós que gratuitamente sorrimos para quem está fechado na tristeza, e deste modo abrimos-lhe uma saída. Troca de olhares: fitai nos olhos e abrirem-se-ão as portas do coração.

O primeiro passo que Deus dá na nossa direção é de um amor antecipado e incondicional. Deus ama primeiro. Deus não nos ama porque em nós existe um motivo que suscita amor. Deus ama-nos porque Ele próprio é amor, e por sua natureza o amor tende a difundir-se, a doar-se. Deus não relaciona nem sequer a sua benevolência à nossa conversão: pode ser que esta seja uma consequência do amor de Deus. São Paulo diz de maneira perfeita: «Deus demonstra o seu amor para conosco no facto de que, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós» (cf. *Rm* 5, 8). *Enquanto ainda éramos pecadores*. Um amor incondicional. Estávamos “distantes”, como o filho pródigo da parábola: «Quando estava ainda distante, o seu pai viu-o, sentiu compaixão...» (*Lc* 15, 20). Por amor a nós Deus realizou um exodo de Si mesmo, para vir ter conosco nesta terra por onde era insensato que Ele transitasse. Deus amou-nos até quando estávamos enganados.

Quem de nós ama desta maneira, exceto quem é pai ou mãe? Uma mãe continua a amar o seu filho até quando ele vai para o cárcere. Recordo-me de muitas mães, que faziam a fila para entrar nas prisões, na minha diocese precedente. E não se envergonhavam. O filho estava na prisão, mas era o seu filho. E sofriam muitas humilhações nas perquirições, antes de entrar, mas: “É o meu filho!”. “Mas, senhora, o seu filho é um delinquent!” – “É o meu filho!”. Só este amor de mãe e de pai nos leva a compreender como é o amor de Deus. Uma mãe não pede o cancelamento da justiça humana, porque cada erro exige uma redenção, mas uma mãe nunca deixa de sofrer pelo próprio filho. Ama-o até quando é pecador. Deus faz o mesmo conosco: *somos os seus filhos amados!* Mas pode acontecer que Deus tenha alguns filhos aos quais não ama? Não. Todos somos filhos amados de Deus. Não existe maldição alguma na nossa vida, só



uma benévola palavra de Deus, que hauri da nossa existência do nada. A verdade de tudo é a *relação de amor* que une o Pai com o Filho mediante o Espírito Santo, na qual somos acolhidos pela graça. N'Ele, em Jesus Cristo, fomos queridos, amados e desejados. Há Alguém que imprimiu em nós uma beleza primordial que pecado algum, que escolha errada alguma, nunca poderá cancelar totalmente. Nós, diante do olhar de Deus, somos sempre pequenas fontes feitas para jorrar água boa. Jesus disse à samaritana: «A água que Eu [te] der tornar-se-á [em ti] fonte de água que jorra para a vida eterna» (cf. *Jó* 4, 14).

Qual é o remédio para mudar o coração de uma pessoa infeliz? Qual é o remédio para mudar o coração de uma pessoa que não é feliz? [respondem: o amor]. Mais alto! [gritam: o amor!]. Excelente, excelente, parabéns a todos! E como se faz para sentir à pessoa que é amada? Antes de tudo, é preciso abraçá-la. Fazer com que se sinta desejada, que é importante, e deixará de ser triste. *Amor chama amor*, de modo mais forte do que o ódio chama a morte. Jesus não morreu e ressuscitou para si mesmo, mas para nós, para que os nossos pecados sejam perdoados. Portanto, é tempo de ressurreição para todos: tempo de erguer os pobres do desânimo, sobretudo os que jazem no sepulcro por um período muito mais longo do que três dias.

Sopra aqui, nos nossos rostos, um vento de libertação. Brota aqui o dom da esperança. A esperança de Deus Pai que nos ama assim como somos: ama-nos sempre e a todos. Obrigado!

*A figura de Santo António de Pádua, «insigne pregador e padroeiro dos pobres e sofredores», foi proposta de novo pelo Pontífice nas saudações dirigidas aos fiéis que participaram na audiência geral.*

Dirijo uma cordial saudação aos peregrinos de língua portuguesa, especialmente a quantos vieram do Brasil, convidando todos a permanecer fiéis ao amor de Deus que encontramos em Cristo Jesus. Ele desafia-nos a sair do nosso mundo limitado e estreito para o Reino de Deus e a verdadeira liberdade. O Espírito Santo vos ilumine para poderdes levar a Bênção de Deus a todos os homens. A Virgem Mãe vele sobre o vosso caminho e vos proteja.

Saúdo também os jovens, os doentes e os recém-casados. Ontem na liturgia recordámos Santo António de Pádua, “insigne pregador e padroeiro dos pobres e sofredores”. Queridos jovens, imitai a linearidade da sua vida cristã; estimados doentes, não vos canseis de pedir a Deus Pai, pela sua intercessão, aquilo de que necessitais; e vós, caros jovens casais, na sua escola competi no conhecimento da Palavra de Deus.

## Encerrada a vigésima reunião do Conselho de cardeais

Descentralização e maior serviço às Igrejas locais. Foram nestas direções as propostas examinadas pelo Conselho de cardeais na vigésima reunião, que teve lugar no Vaticano de 12 a 14 de junho. Com efeito, o Papa Francisco e os purpurados – estava ausente o cardeal O'Malley, por causa de uma pequena operação ortopédica – avaliaram a possibilidade de transferir algumas competências dos dicastérios romanos para os bispos locais ou para as conferências episcopais, aprofundando os modos como a Cúria pode ser de maior utilidade para as realidades locais, como por exemplo na consulta para as candidaturas finalizadas à nomeação de bispo, que poderia ser ampliada até a membros da vida consagrada e a leigos.

O Papa acompanhou todos os trabalhos, ausentando-se só na manhã de quarta-feira para a audiência geral. Com ele, os cardeais debateram sobre os vários dicastérios, em especial sobre a Congregação para a evangelização dos povos. Foram estudados e relidos os textos a submeter ao Pontífice, relativos aos dicastérios para o diálogo inter-religioso, para as Igrejas orientais, para os textos legislativos, e aos três tribunais. O cardeal Pell informou os presentes sobre o trabalho da Secretaria para a economia (com particular referência ao processo de planificação dos recursos económicos e à supervisão dos planos financeiros para o primeiro trimestre de 2017), enquanto o prefeito da Secretaria para a comunicação, monsenhor Viganò, apresentou um relatório sobre a situação da reforma do sistema comunicativo da Santa Sé, expondo entre outros os resultados positivos do desempenho económico e de gestão.

A próxima reunião do Conselho de cardeais terá lugar de 11 a 13 de setembro.